



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE NUTRIÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE

**NÁDIJA DESSA SÃO PEDRO**

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CORPO E AO COMER EXPERIMENTADOS  
POR ADOLESCENTES COM EXCESSO DE PESO, ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE SALVADOR –BA.**

SALVADOR

2015

**NÁDIJA DESSA SÃO PEDRO**

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CORPO E AO COMER EXPERIMENTADOS  
POR ADOLESCENTES COM EXCESSO DE PESO, ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE SALVADOR –BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

**Linha de pesquisa:** Alimentação, Nutrição e Cultura

Orientadora:

Prof. Dra. Maria do Carmo Soares Freitas

Coorientadora:

Prof. Dra. Maria da Purificação Nazaré Araújo

SALVADOR

2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Saúde, SIBI - UFBA.

S239 São Pedro, Nádjia Dessa.  
Significados atribuídos ao corpo e ao comer experimentados por adolescentes com excesso de peso, estudantes do ensino médio de uma escola pública na cidade de Salvador –Ba. / Nádjia Dessa São Pedro. – Salvador, 2015.  
105 f.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Soares Freitas.  
  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Nutrição, 2015.  
  
1. Alimentação. 2. Adolescentes. 3. Escola Publica. 4. Obesidade. I. Freitas, Maria do Carmo Soares. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.  
  
CDU 613.2



## **DEDICATÓRIA**

Aos protagonistas desse estudo. Minha admiração e agradecimento por dividirem não apenas experiências relacionadas com as suas praticas alimentares e corporais, mas também sentimentos e representações, que tornaram esse estudo possível.

## AGRADECIMENTOS

E enfim chega o momento tão almejado nessa trajetória do conhecimento que não se encerra aqui. Nesse caminho, muitas pessoas se mostraram importantes de diferentes formas, para a concretização do que até então era um sonho, um desejo.

Primeiramente agradeço a minha mãe, meu eterno amor, por tudo, todo o acolhimento, dedicação e incentivo.

A Márcio, meu companheiro desta e de tantas outras jornadas, pela presença e estímulo durante todo o processo.

A minha amiga Gemima, meus agradecimentos pela força e palavras reconfortantes.

A minha orientadora Carminha, pela qual eu tenho uma grande admiração desde a graduação, e que despertou em mim o interesse pela pesquisa qualitativa, me inspirando a procurar uma formação mais humana e sensível para trabalhar com a nutrição e os mundos da vida. A inspiração continuará comigo para as próximas jornadas.

A minha coorientadora Purificação, um anjo colocado em minha vida por meio da professora Carminha. Não tenho palavras nem adjetivos suficientes para agradecer e mensurar toda a atenção, carinho, sensibilidade, acompanhamento e orientações durante todo o mestrado.

Aos colegas do mestrado, pelos momentos de partilhas, angústias, felicidades e contribuições.

Aos professores do PGNUT por contribuírem no meu processo de aprendizagem.

Ao Sr. José Carlos, ex-secretário do Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde pela presteza nos encaminhamentos de nossas solicitações, pelas palavras de carinho, incentivo e descontração.

A Prof<sup>a</sup>. Dra. Lígia Amparo da Silva Santos, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Liliane de Jesus Bittencourt e Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria da Purificação Nazaré Araújo pelas contribuições durante a qualificação do meu projeto.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente os do DEPAE. Meu carinho especial a Waléria e Nadja Santos pela sensibilidade frente às minhas demandas e a Alcione pelo amizade que vem sendo construída.

Aos adolescentes por partilharam suas experiências, fundamentais para essa pesquisa.

Enfim a todos que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho.

*O homem não tem um corpo separado da alma. Aquilo que chamados de corpo é a parte da alma que se distingue pelos seus cinco sentidos". Willian, Blake.*

## **APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO**

Apesar da atualidade e ampla discussão a respeito da obesidade, preocupou-me a abordagem muitas vezes prescritiva e até impositiva, de supostos padrões corporais e do próprio comer e de como essas representações são significadas por adolescentes. Por se encontrarem em um momento de formação de sua identidade, estes indivíduos podem apresentar-se mais susceptíveis a esses contrapontos. Assim, a necessidade de uma discussão sobre a temática do comer e do corpo que considerassem as suas histórias de vida, bem como aspectos socioculturais alicerçaram essa construção.

Essa pesquisa é o produto final do curso de Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde da Universidade Federal da Bahia que teve duração de 24 meses. Em atenção aos objetivos propostos no projeto de pesquisa, esse estudo está dividido em dois artigos. O primeiro apesar de ter como temática central os significados atribuídos ao corpo, dialoga também com a alimentação destes adolescentes. Temática aprofundada no segundo artigo em que os sentimentos e signos atribuídos ao comer e a comida são discutidos.

A partir das correções e considerações propostas pela banca de defesa, os artigos, produtos finais deste estudo, serão submetidos à publicação.



## RESUMO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta que, nas últimas décadas, os níveis de obesidade têm aumentado de forma significativa, sendo considerado um problema de saúde pública. Muitos fatores favorecem o ganho de peso, com destaque para os aspectos socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais. O processo de transição nutricional intensificado nas últimas décadas repercute em mudanças no padrão alimentar da população, com destaque ao aumento do consumo de alimentos ricos em gordura, sódio e açúcar, bem como a redução da ingestão de frutas, legumes e cereais integrais. Associam-se ainda a este cenário a redução na prática de atividade física e de lazer. A adolescência, período compreendido entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2013), é marcada por transformações biológicas, emocionais e sociais que podem implicar em alterações no tamanho, na aparência e na satisfação corporal. Este trabalho objetiva descrever como adolescentes com sobrepeso e obesidade significam seus corpos em seu cotidiano. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, concebido no campo da socioantropologia da alimentação e das ciências sociais da saúde. A fase exploratória do estudo contemplou a observação dos espaços de alimentação e convivência. O acolhimento dos estudantes ocorreu pelo método “bola de neve”, assim a partir de um indivíduo foram obtidos contatos de outros possíveis interlocutores. O número de entrevistados foi determinado em campo e considerado satisfatório quanto à intersubjetividade sobre o objeto de estudo. Foram realizadas duas entrevistas individuais. Além disso, os indivíduos foram estimulados a escrever um texto dissertativo, respondendo à provocação: “como você se sente com o seu corpo, no seu dia a dia?”. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e posteriormente categorizadas. Baseado nos estudos de Gadamer (1997) o método utilizado para a análise dos dados foi a abordagem hermenêutica dialética, que dialoga com a realidade sociocultural do indivíduo. O estudo revelou a dualidade na forma em que se relacionavam com os seus corpos e com o comer. Os interlocutores conviviam com o excesso de peso desde a infância e relataram situações de estigma e isolamento social. O IMC amplamente utilizado pelos interlocutores pareceu sentenciar e transformar “gordinhos”, “inchadinhos” em obesos. E assim “diagnosticados”, acessavam a diferentes estratégias para perda de peso, preferencialmente rápida, com destaque às “dietas da moda”, aos *shakes* e chás emagrecedores. Paralelamente a essa tentativa do controle do comer, observou-se indícios de compulsão alimentar, principalmente em ambiente doméstico e os paradoxos do comer teórico baseado no discurso da nutrição e o comer real envolvido de simbologias como o “comer besteira”. Apesar do protagonismo materno em determinados momentos os interlocutores criticaram a postura dos pais, culpabilizando-os pelos hábitos alimentares adquiridos ou ainda pela forma que lidavam com os seus corpos.

**Palavras chaves:** Narrativas; Saberes e práticas alimentares, Excesso de peso, Significados atribuídos ao corpo.

## ABSTRACT

The World Health Organization (WHO) warns that in recent decades, obesity levels have increased significantly and it is considered a public health problem. Many factors favor weight gain, especially the socioeconomic, psychosocial, biological and cultural factor. The nutritional transition process was intensified in recent decades and it reflects the changes in the food pattern of the population, especially the increased consumption of foods high in fat, sodium and sugar, as well as reducing the intake of fruits, vegetables and whole grains. It is also associated to this scenario the reduction in physical activity and leisure. Adolescence, the period between 10 and 19 years of age (WHO, 2013), it is marked by biological, emotional and social transition that may result in changes in size, appearance and body satisfaction. This paper aims to describe how overweight and obesity mean their bodies and in their daily lives. It is a study of qualitative approach, designed in the field of Socio-anthropology of food and social health sciences. The exploratory phase of the study included the observation of feeding and living spaces. The reception of students was using the "snowball" method, wherein, other potential, partners contacts were obtained from a single individual. The number of respondents was determined in the field and it was considered satisfactory in terms of intersubjectivity of the object of study. Twin interviews were conducted. In addition, individuals were encouraged to write an argumentative text, responding to provocation, "How do you feel about your body, in your day to day." All interviews were transcribed verbatim and then categorized. Based on studies of Gadamer (1997) the method used for the analysis was the hermeneutic dialectic approach that dialogue with the socio-cultural reality of the individual. The study revealed the duality in the way they related to their bodies and to eat. The interlocutors have been living with overweight since their childhood and they reported social stigma and isolation. The BMI was widely used by interlocutors to transform "fat person" and "swollen person" in obese. After they had been "diagnosed", they used different strategies for weight loss, preferably quickly, especially the "fad diets", like shakes and slimming teas. Parallel to this attempt of eating control, there was evidence of binge eating, especially in the home environment and the paradoxes of theoretical eating based on nutritional and the actual eating which is involved with symbolologies such as "eat snacks". Despite the mother's role at certain times the interlocutors criticized the attitude of parents, blaming them for the acquired eating habits or the way they dealt with their bodies.

**Indexing terms:** Narrative; Knowledge and feeding practices; Overweight, meanings attributed to the body.

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**IMC** – Índice de Massa Corporal.

**OMS** – Organização Mundial de Saúde.

**POF** – Pesquisa de Orçamento Familiar.

**WHO** – World Health Organization.

## SUMÁRIO

<b>ARTIGO 1 : “Além do que pesam: significados atribuídos ao corpo por adolescentes com excesso de peso, estudantes do ensino médio de uma instituição pública de ensino da cidade de Salvador-Bahia”</b> -----	13
---	----

Resumo -----	14
--------------	----

Abstract -----	15
----------------	----

Introdução-----	16
-----------------	----

Metodologia-----	18
------------------	----

Resultados e Discussão -----	20
------------------------------	----

Considerações Finais -----	31
----------------------------	----

Referências-----	33
------------------	----

<b>ARTIGO 2 : “Significados atribuídos à comida e ao comer por adolescentes com sobrepeso e obesidade, estudantes do ensino médio de uma instituição federal de ensino, na cidade de Salvador - Bahia”</b> -----	38
--	----

Resumo -----	39
--------------	----

Abstract -----	40
----------------	----

Introdução-----	41
-----------------	----

Metodologia-----	43
------------------	----

Resultados e Discussão -----	45
------------------------------	----

Considerações Finais -----	55
----------------------------	----

Referências-----	57
------------------	----

## APÊNDICES

A. Projeto apresentado à banca para qualificação -----	63
--	----

B. Roteiro de entrevistas -----	104
---------------------------------	-----

C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -----	106
---	-----

**ARTIGO 01**

**Além do que pesam: significados atribuídos ao corpo por adolescentes com excesso de peso, estudantes do ensino médio de uma instituição pública da cidade de Salvador-Bahia.**

Nádjia Dessa São Pedro

## RESUMO

### Objetivo

Descrever como adolescentes com sobrepeso e obesidade significam seus corpos no seu cotidiano.

### Métodos

Estudo descritivo, exploratório, de cunho etnográfico, realizado em uma instituição de ensino. Critérios de inclusão: ter entre 10 e 19 anos de idade, ser estudante do ensino médio e sentir-se com ou apresentar sobrepeso ou obesidade. O acolhimento dos estudantes ocorreu pelo método “bola de neve”. Foram realizadas duas entrevistas individuais. Além disso, os indivíduos foram estimulados a escrever um texto dissertativo, respondendo à provocação: “como você se sente com o seu corpo, no seu dia a dia?”. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e posteriormente categorizadas. O método utilizado para a análise dos dados foi a abordagem hermenêutica dialética.

### Resultados

Os sujeitos do estudo revelaram rejeição ao termo obeso, utilizando formas consideradas por eles mais aceitáveis para classificar seus corpos. O IMC foi bastante requisitado como parâmetro de controle e classificação do peso corporal. Foram relatadas experiências de estigma e exclusão na infância, bem como a dualidade entre o “comer saudável” e o comer real. Influenciados pela (re) significação dos sentimentos atribuídos ao corpo, revelaram também que nem sempre o processo de se vestir envolve a escolha do que desejam e, sim, do que lhes cabe.

### Conclusão

Os significados atribuídos ao corpo evidenciaram conflitos, dualidades, situações de estigma e isolamento social. Sugere-se a necessidade da atuação conjunta da escola e da família em ações de orientação e acompanhamento.

**Termos de indexação:** Narrativas sobre o corpo; Peso corporal; Excesso de peso; Significados atribuídos ao corpo. Saberes e práticas alimentares.

## ABSTRACT

### Objective

Describe how teenagers with overweight and obesity meaning their bodies in their daily lives.

### Methods

This descriptive and exploratory study is from an ethnographic nature which was held in an education institution. The criterions for this study are: teenagers have to be between 10 and 19 years old, high school student and feel /being overweight/obese. The reception of the students had occurred by the “snowball” method. The participants were interviewed twice. In addition, the individuals had been encouraged to write an argumentative essay which they had to respond a provocative question: “how do you feel about your body in your everyday life?”. All interviews were transcribed for verbatim and then they were categorized. The method used for the analysis was the dialectic hermeneutic approach.

### Results

The study subjects showed rejection of the obese term. They had used forms considered by themselves more acceptable to classify their bodies. The BMI was in demand as a control parameter and classification of body weight. Experiences of stigma and exclusion in childhood obesity have been reported between the duality of “healthy eating” and the real eating. Influenced by reframing of the feelings attributed to the body, it also revealed that the process of dressing up not always involves the choice of what the teenagers want, but what it is for them in bigger sizes.

### Conclusion

The meanings attributed to the body have been showed situations of conflicts, dualities, stigma and social isolation which suggest the need for joint support in schools and families for guidance and monitoring actions to help teenagers to be healthier and not overweight.

**Indexing terms:** Narratives about the body; Body weight; Meanings attributed to the body; Knowled geand food practices.

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta que, nas últimas décadas, os níveis de obesidade têm aumentado de forma significativa, sendo considerado um problema de saúde pública. Muitos fatores favorecem o ganho de peso, com destaque para os aspectos socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais (ABESO, 2001; GIUGLIANO, 2004; ESTEBAN, 2004; BRASIL, 2006b; SANTOS, 2008; FREITAS *et al.*, 2008; SCHERER & SANTOS, 2011).

No Brasil, o fenômeno de transição nutricional, intensificado nas últimas décadas, repercute em mudanças no padrão alimentar da população, chamando a atenção para o aumento do consumo de alimentos ricos em gordura, sódio e açúcar, bem como para a redução da ingestão de frutas, legumes e cereais integrais (BRASIL, 2010). Soma-se, ainda, a este cenário, a redução da prática de atividade física e de lazer, associada às facilidades da vida moderna, com ênfase entre o público adolescente para o tempo dispendido com videogames, computadores, celulares e televisão (RIZZINI, *et al.*, 2005).

A adolescência, período compreendido entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2013), é marcada por transformações biológicas, emocionais e sociais, representando a fase de maior velocidade de crescimento na vida extrauterina, o que implica em alterações no tamanho, na aparência e na satisfação corporal (RODRIGUES *et al.*, 2005; DAMASCENO *et al.*, 2006). Para essa faixa etária, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), 2009, identificou que o excesso de peso atingiu 21,5% dos jovens, oscilando entre 16% e 18% no Norte e no Nordeste, e entre 20% e 27% nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil (BRASIL, 2010). Nessa faixa etária, as alterações do consumo alimentar estão intimamente relacionadas à formação de identidade (FREITAS *et al.*, 2008; PACHECO, 2008).

Também merecem atenção os aspectos comportamentais e de convívio social entre jovens com sobrepeso/obesidade, visto que a adiposidade representa forte indicador de insatisfação corporal na sociedade contemporânea (CORSEUIL, 2009). Nessa perspectiva, Santos & Valle (2002) sinalizam que, além de suportarem o peso dos seus corpos, os adolescentes carregam ainda o peso da culpabilização pelo seu estado nutricional, que, muitas vezes, lhes é creditado por seus pares.

Freitas (2002) e Carvalho & Martins (2004) criticam o processo de mercantilização do corpo, responsável, em grande medida, por mudanças nos padrões estéticos vigentes. Atualmente, o excesso de peso, mesmo em graus leves e moderados (sobrepeso), coloca o indivíduo a



margem de modelos mutáveis e socialmente valorizados, representados, em uma sociedade lipofóbica, pelo corpo magro e/ou musculoso.

Esteban (2004) questiona os contrapontos que ocorrem nesta sociedade contemporânea, em que há estímulo desenfreado ao consumo de alimentos industrializados e hipercalóricos, ao mesmo tempo em que se cobra autodisciplina e se dissemina padrões estéticos rígidos, muitas vezes deslocando o foco da rotina do indivíduo à perda ou manutenção do peso, bem como à divulgação desses resultados para os grupos aos quais pertence. Entende-se que tal situação é intensificada por meio da internet e das redes sociais, atingindo diretamente o público jovem, ávido por consumir novas tecnologias e, portanto, mais sensível a esses contrapontos.

Para Freitas (2002), apesar dos saberes do campo biomédico sobre o corpo direcionarem para a prevenção dos riscos associados ao surgimento de diversas doenças, é no campo sociocultural que se dá a maior expressão do entendimento popular, havendo uma tendência em enfatizar a representação da perda de peso como um valor estético.

A maneira de pensar esse processo é vista, então, como construção sociocultural, por meio da qual o indivíduo internaliza as noções simbólicas que são expressas através das interações com os grupos dos quais participa, interpretando-as e ressignificando-as de acordo com suas percepções individuais, influenciadas, em parte, pelos significados culturais que circulam no grupo e também por sua própria subjetividade e experiência particular (KLEINMAN, 1978; MINAYO, 2013).

O corpo assume, assim, um aspecto existencial fundamental, uma vez que é por intermédio dele que os sujeitos se manifestam no mundo (MERLEAU-PONTY, 2011). Dentro das estruturas socioculturais se desenvolvem os itinerários corporais, vistos por Esteban (2004) como diferentes percursos traçados pelos sujeitos que os tornam agentes de sua própria narrativa e possibilitam que o corpo se torne um lugar de vivência, reflexão e contestação.

Santos (2008) critica a postura de culpabilidade imposta àqueles que não conseguem seguir normas dietéticas voltadas à perda de peso, enfatizando a necessidade de se aprofundar questões que fogem da superficialidade e que justificam os padrões alimentares e a relação corporal do indivíduo.

Compreender como esses jovens se relacionam com seus corpos mostra-se, essencial para a definição de prioridades e estratégias voltada às demandas desse grupo etário que, quando não amparado de forma coerente, pode apresentar-se exposta a riscos biomédicos associados ao excesso de peso e, ainda, à situação de insegurança alimentar e nutricional. Desse modo, o presente estudo objetiva descrever como adolescentes com sobrepeso e obesidade, estudantes

de uma instituição pública de ensino, expressam os significados atribuídos aos seus corpos no seu cotidiano.

## **METODOLOGIA**

Este artigo faz parte dos resultados do projeto intitulado “Significados Atribuídos ao Corpo e ao Comer experimentados por adolescentes com excesso de peso, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Salvador-Ba”. Trata-se de estudo descritivo, exploratório, de cunho etnográfico, realizado em uma instituição de ensino público federal. Durante os meses de junho e julho de 2013, procedeu-se a fase exploratória e, entre maio e outubro de 2014, a fase de imersão de campo.

Os critérios de inclusão adotados para fazer parte do estudo foram: ser adolescente entre 10 e 19 anos de idade e estudante do ensino médio; estar ou sentir-se com algum grau de excesso de peso (sobrepeso/obesidade); para os maiores de 18 anos, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, quando menor, apresentar este termo assinado por pais ou responsável juntamente com o termo de assentimento do aluno.

O acolhimento dos estudantes ocorreu pelo método “bola de neve” que, segundo Minayo (2013), acontece quando, por meio de um indivíduo, o pesquisador se informa sobre outros possíveis contatos. Nesta busca, inicialmente, foram identificados 22 possíveis participantes, após tentativas de contatos, diálogos iniciais e atendimento aos critérios de inclusão, chegou-se ao número de 7 interlocutores, quantidade considerada satisfatória pelo critério da similaridade de narrativas (elementos comuns nas falas) dos entrevistados.

Durante a fase exploratória, foram efetuadas observações dos espaços de alimentação e convivência compostos pelo refeitório, cantina, área externa às salas de aula e o entorno da instituição que inclui lanchonetes, supermercados, restaurantes e vendedores ambulantes.

As impressões frente aos comportamentos, acontecimentos, comensalidade, conversas, impressões gestuais e corporais, essenciais para o enriquecimento e compreensão das narrativas, foram registradas em diário de campo. Foram, também, realizadas entrevistas individuais em profundidade que foram transcritas integralmente. Utilizou-se nomes fictícios para que não houvesse identificação dos interlocutores.

Após análise desse material, em outubro de 2014, foi realizado o segundo momento de entrevistas, por meio, inicialmente, de uma questão norteadora: “como você refletiu sobre as

questões abordadas na primeira entrevista?”. Na interação com o entrevistado, foram introduzidas novas questões sobre a corporalidade desses adolescentes.

Nessa oportunidade, os indivíduos foram estimulados a escrever um texto dissertativo e livre, a ser entregue em data agendada previamente, respondendo à seguinte provocação: “como você se sente com o seu corpo, no seu dia a dia?”. A técnica utilizada suscitou narrativas sobre a experiência de ser adolescente e apresentar excesso de peso ou obesidade e sobre como essa relação se estabelece no convívio social e nas estratégias de cuidar do corpo.

A pré-análise ocorreu por meio de leituras repetidas do material etnográfico que possibilitaram a identificação de palavras, expressões-chaves e categorizações. O método utilizado para a análise dos dados foi a abordagem hermenêutica dialética, considerado por Gadamer (1997) como o mais indicado para uma interpretação, pois dialoga melhor com a realidade dos indivíduos, já que a fala é analisada de acordo com seu contexto sociocultural. Assim, as narrativas foram interpretadas com o intuito de compreender como esses interlocutores significam o excesso de peso em suas vidas, e como tais interpretações influenciavam em os seus itinerários corporais.

Após repetidas leituras das transcrições, foram identificadas categorias provenientes das falas dos entrevistados. As interpretações foram realizadas a partir da escolha dos eixos temáticos para discussão nesse artigo. Esse processo resultou de recortes das narrativas, sendo destacadas as palavras e expressões que traduziam o significado/a concepção diante do contexto pesquisado.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, em 31 de março de 2014, conforme recomenda a Resolução nº 466 de 2012 que trata sobre as pesquisas em seres humanos, com parecer de aprovação número 575.000.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização dos interlocutores

Nas próximas páginas, serão abordados aspectos que individualizam e aproximam os interlocutores desse estudo quanto aos significados socioculturais atribuídos ao excesso de peso. Antes de iniciar este aprofundamento, os interlocutores são apresentados no quadro 01 abaixo:

**Quadro 1.** Caracterização dos sujeitos entrevistados, Salvador-Bahia, 2014:

NOME	IDADE (anos)	VARIAÇÃO DE PESO REFERIDO (kg)	ALTURA REFERIDA Metro
Antônio	18	109 -112	1,79m
Beatriz,	16	99-103	1,64
Gemima	15	61-64	1,5
Joana	17	87-91	1,69
Karine	15	89-91	1,72
Márcio	17	114-118	1,87
Thiago	19	98	Não soube referir

Conforme os dados referidos de peso e altura bem como os próprios sinais clínicos, exceto Gemima que apresentou sobrepeso, todos os demais apresentaram diferentes graus de obesidade. Além disso, a maior parte destes interlocutores eram provenientes de famílias de baixa renda e todos faziam uso do programa de auxílio alimentação disponibilizado pela escola em que estudavam.

#### **“Gordo”, “gordinho”, “inchadinha”, mas não obeso.**

Os interlocutores desse estudo apresentaram um estranhamento ao conceituarem obesidade, demonstrando uma conotação negativa, tendendo a utilizar formas, para eles, mais brandas, como “gordinha” e “inchadinha”:

*(Suspira e sorri) “Pra mim é assim, quando a pessoa é obesa, a pessoa tem muita papa, entendeu? E quando a pessoa é normal, tipo, assim como eu, é só gordo, quando ela tem isso aqui muito, muito monstruoso (aponta para região abaixo do queixo) e eu acho que é obesa. Isso é obesidade” (grifo da autora) (Beatriz, 16 anos).*

*“(...) Eu não gosto de usar o termo gorda, eu acho assim, tipo, sei lá, como se fosse uma obesa, prefiro gordinha no diminutivo” (grifo da autora) (Karine, 15 anos).*

Beatriz e Karine demonstram a significação negativa frente à obesidade. As jovens não se intitulam “obesas”, encontrando outras palavras que, ao que parece, se mostram mais brandas e aceitáveis para caracterizar os seus pesos.

Para Beatriz, o termo “gordo” apresenta conotação eufêmica, já para Karine, é sinônimo de obeso, motivo pelo qual prefere usar o termo “gordinha” com certo tom de afeto. Tais formas adotadas parecem diminuir o processo de exclusão e estigma associado aos seus corpos, tornando de alguma forma mais aceitável o ‘peso’ que carregam, pelo menos para si mesmas. Ao caracterizar-se como “gorda” e “normal”, adjetivos que para a interlocutora não correspondem aos obesos, Beatriz afasta de si essa realidade, considerada uma anormalidade. Outros estudos demonstram algo similar. A pesquisa conduzida por Sudo & Luz (2007), ao analisar matérias publicadas em revistas periódicas nacionais, demonstrou a tendência de diferenciação entre ser gordo associado com os “quilinhos indesejáveis”, e ser obeso, visto como algo patológico. Bosi & Pinto (2010) demonstraram, entre mulheres de baixa renda, a visão de que são “gordas”, “gordinhas”, “bem fortes” e não obesas, termo restrito a situações consideradas, por elas, limites (Bosi & Pinto, 2010). Postura similar à de Márcio, que qualifica o ser obeso em uma esfera de incapacitação, para ele, distante de sua realidade. Dessa forma, o adolescente se expressa marcando sua atual condição: apesar do excesso de peso, é capaz de realizar suas atividades rotineiras, como andar e estudar, sem necessitar qualquer suporte. Tais atributos o aproxima de seus pares e o afasta da patológica obesidade:

*“Quando você está muito acima do peso, você acaba, vamos dizer assim, dependendo de outras pessoas para fazer movimentos que você não consegue sozinho. Quando você chega nesse ponto, você está obeso” (grifo da autora) (Márcio, 17 anos).*

Essa negação do “ser obeso” é compreensível e até esperada, uma vez que, como já mencionado, o próprio termo é científico e utilizado para classificar uma doença. Além disso, esses adolescentes vivem em uma sociedade que, muitas vezes, sob a égide da saúde, rechaça o corpo obeso, imprimindo marcas na relação e aceitação do sujeito com o próprio corpo.

Assim, muitas estratégias são utilizadas na tentativa de controle do peso com ênfase para o uso da internet.

### **Eu vi lá na internet: “minha mãe eu estou obesa”**

A internet apresentou-se como ferramenta rotineira no cotidiano desses jovens, por meio deste recurso, observou-se que o Índice de Massa Corpórea (IMC) foi bastante requisitado como parâmetro biomédico, para identificar e classificar seu estado nutricional:

*“(...) meu peso ideal seria 55kg, eu vi na internet. Mas eu estou com sobrepeso, eu vi lá! Eu coloquei os dados, aí deu que eu não estou obesa e, sim, com sobrepeso”*(grifo da autora) (Gemima, 15 anos).

*“Aí eu fiz meu IMC na internet, aí eu coloquei meu peso, botei 90, aí eu vi que eu estava obesa, aí eu entrei em pânico em casa: minha mãe, eu estou obesa. Retrucou sua mãe: ““ está obesa o que menina, pare com isso ””. (grifo da autora) (Karine, 15 anos).*

Destaca-se a reação de pânico de Karine ao calcular o IMC e, então, ser classificada como obesa. A partir daquele momento, não são apenas sinais de excesso de peso, não é mais a Karine “gordinha” e, sim, a Karine classificada, “diagnosticada” como obesa, situação renegada, inclusive, pela sua mãe.

Sabe-se, contudo, que o uso do IMC de forma isolada, para determinar o estado nutricional e até mesmo o suposto “peso ideal”, pode representar risco à saúde desses jovens. Existem parâmetros adotados para avaliação nutricional e, para adolescentes, as referências atuais não indicam a utilização isolada do IMC. Dessa forma, o IMC para a idade deve ser interpretado de acordo com tabelas e gráficos específicos e correlacionado com outros parâmetros clínicos e bioquímicos, quando necessário (OMS, 2007).

Diferentemente dos demais interlocutores, Joana destacou utilizar os parâmetros estabelecidos para sua faixa etária:

*“Eu já olhei aquele negócio de IMC e fala que de acordo com a minha altura e com meu peso eu deveria. Não, de acordo com a minha altura e a minha idade, eu deveria ter mais ou menos 70Kg, de 70 a 75Kg”.* (grifo da autora) (Joana, 17 anos).

Apesar de, apresentar uma postura de aceitação perante seu peso, bem como negação ao que denomina “ficar seca”, percebeu-se que Joana faz uso de estratégias para o controle do peso:

(...) *eu fiz assim, eu preciso monitorar meu peso para ver como é que tá esse negócio e vê aquele IMC (...) aí fui procurando os aplicativos, eu baixei uns três (...). Exclui os outros e deixei só esse, achei mais legal.*  
 (...) *Quando eu tô com o celular na mão e tem uma balança por perto, eu vou, me peso* (grifo da autora) (Joana, 17 anos).

Por viverem em um mundo globalizado, em que o apelo visual e da informação rápida “online” é cada vez maior, não é surpresa que procurem a internet como fonte de informações. A preocupação, no entanto, se dá pelo abuso dessa ferramenta substituindo a escuta profissional e pelas possibilidades de acesso a informações divergentes, superficiais e que não considerem os aspectos socioculturais relacionados à corporalidade.

Para entender os percursos e significações atribuídos ao corpo, é importante, ainda, dar voz às suas experiências infantis, momento em que foram construídos elos importantes para a relação com o corpo atual.

### **Eu nunca fui definitivamente magro, eu já vivi nas condições normais**

Todos os participantes apresentaram uma trajetória de convívio com diferentes graus de sobrepeso/obesidade desde a infância, e trouxeram indícios de exclusão e estigma. São para eles “*gordurinhas extras*”, “*pneus*”, “*banhas*”, “*barriga*”, “*papada*”, que caminham até os quilos, responsáveis por fazê-los se esconder do mundo para “*evitar atrair olhares*”:

(...) *tinha (excesso de peso), quando eu era menor assim, até uns 3, 5 anos eu não tinha, aí fui começar a ter assim, depois de uns 6 anos(...)* (Antônio, 19 anos).

(...) *“Eu comecei a engordar a partir dos 3 anos, comecei a ser fortinha, inchadinha, não era aquele bebê obeso, sabe? Mas sempre fui inchadinha”* (grifos da autora) (Beatriz, 16 anos).

(...) *eu comecei a engordar depois de uns 8 anos de idade. (...) aí não parei mais”* (Joana, 16 anos).

Márcio e Thiago trouxeram ainda o descontentamento relacionado ao peso. Em sua narrativa, Márcio afirma que já viveu em “condições normais”, sinalizando que, na sua concepção, o seu estado corporal, com o qual convive desde a infância, é considerado anormal:

(...) *“eu era um pouco acima do peso, eu nunca fui definitivamente magro, eu tinha as condições normais, eu já vivi nas condições normais, depois só acima do peso”* (grifo das autoras) (Márcio, 17 anos).

Thiago usa expressões que demonstram estranheza em relação ao próprio corpo: “*esse corpo*”, “*ele*”, algo com o qual parece não querer conviver:

(...) “então, desde criança, **eu sempre tive esse corpo. Eu nunca me agradei muito com ele**” (grifo da autora) (Thiago, 19 anos).

Araújo (2014) identificou em seu trabalho tendência à personificação do peso distanciamento do próprio corpo, transformando-o, de certa forma, em um ente distante / desconhecido com o qual não se quer conviver.

Observou-se, entre alguns adolescentes, a tentativa de explicar seu excesso de peso por uma tendência familiar. Assim, foi convocado como argumento tanto o fator genético, através de genes herdados de seus pais, quanto a culpabilização da família e os questionamentos em relação às estratégias, ou ausência destas, para a perda de peso:

(...) “*Eu sempre fui gordinha. **É tendência, por parte de pai***” (grifos das autoras) (Beatriz, 16 anos).

(...) “*É que meus pais também têm tendência a engordar, aí eu fui e fiquei gordinha*” (grifos das autoras) (Gemima, 15 anos).

Ao tecer uma teia de sentimentos, esses adolescentes descortinaram vivências de estigma e depreciação na infância. Karine, em relato emocionado, citou um repertório de apelidos e descreveu como essas condutas refletiram no seu isolamento social quando criança:

(...) “*me chamavam de “zoião”, de baleia, de gorda assassina, eu não gostava, eu chorava e queria bater nas pessoas(...) eu ficava mais sozinha. No caso, tinham as pessoas que faziam chacota. Aquelas que não faziam chacotas, elas eram, realmente, minhas amigas, e daquelas que faziam chacota eu me afastava (...)*” (grifo da autora) (Karine, 15 anos).

“*Oh, é desde a segunda série me chamavam de Mônica. (...) É porque Mônica é gordinha, aí é essas coisas*”. (grifo da autora) (Gemima, 15 anos).

Castilho (2001) e Tavares (2003) destacam o quão importante são as primeiras experiências infantis, já que as crianças também formam imagens do que lhes é apresentado como desapropriado. Para esses autores, mais importante ainda é o fato delas julgarem de que forma sua própria aparência corporal se adequa ao modelo que lhes é transmitido, o que traz consequências aos sentimentos de autovalor. Colaborando com essas afirmações, Turnbull et al. (2000) avaliaram as atitudes de crianças frente às figuras de pessoas obesas e demonstraram indícios de preconceito em relação a essas imagens que, em geral, receberam mais avaliações negativas.

As experiências e representações vivenciadas na infância são relevantes para a formação da identidade corporal e alimentar, uma vez que é por meio de redes socioculturais que



permeiam a vida em coletividade que os sujeitos são apresentados a situações que são (re) significadas.

### **O comer “ideal” x o comer real**

De forma similar aos achados de Santos (2012), o consumo de saladas, legumes e frutas foi visto pelos interlocutores como pré-requisito para uma alimentação saudável:

*“Eu entendo aquele clichê que todo mundo fala, a fruta, verdura, comidas que não são muito gordurosas e tal” (Joana, 17 anos).*

*“Alimentação saudável, eu acho que, o pessoal diz aí que é salada e eu também acho” (Antônio, 19 anos).*

*“Acho que são as coisas naturais, as verduras, legumes” (Karine, 15 anos).*

A moderação ao comer também foi destacada, vista como *“nada exagerado, (...), naquela medida que dê pra satisfazer, somente e pronto”* (Thiago, 19 anos).

Contudo, se por um lado as explicações sobre o comer saudável foram pautadas em conhecimentos prescritivos, na alimentação cotidiana, sobressaíram o comer rápido, a omissão de refeições e a substituição do almoço por lanches. Esses comportamentos parecem evidenciar um distanciamento entre o saber teórico e a prática, situação evidenciada em outros estudos voltados a esta faixa etária (ALVARENGA, 2004; LEMOS, 2005; SANTOS et al, 2012).

O pouco tempo disponibilizado para realizar as refeições pareceu implicar, também, na seleção dos alimentos e na relação com os mesmos:

*“(...) não sou de sentar à mesa (...). É um café muito rápido, às vezes é só um Todinho®, um iogurte, um pedaço de mamão, muito rápido (...) às vezes merendo, às vezes não merendo e às vezes almoço, às vezes não almoço (...) (grifos da autora) (Beatriz, 15 anos).*

*“(...) aí eu faço macarrão, coisa rápida. Miojo eu não tô comendo muito, mas antes eu comia sempre, que é mais rápido do que macarrão. E quando tem alguma coisa pronta, assim eu gosto de ser muito rápida na cozinha” (grifo da autora) (Joana, 17 anos).*

*“Merenda, geralmente não tem não, pois eu passo muito tempo no computador ou saindo mesmo e acabo não comendo” (Márcio, 17 anos).*

Para Santos (2012), o termo “comer besteira” é utilizado por adolescentes para classificar alimentos sem necessidade de preparação prévia ou, ainda, de rápido preparo e baixo valor nutricional. No presente estudo, esta categoria foi representada por um vasto repertório alimentar, do qual os interlocutores demonstraram uma relação afetiva e, por vezes, conflituosa:

*“(...) então deixo de comer besteira, doce, que são coisas que eu gosto, aí no final de semana, que eu vejo que consegui, aí eu faço um agradinho (...)”*(grifos da autora) (Gemima, 15 anos).

*“Ah eu gosto de comer besteira na rua, coxinha, essas coisas, em aniversário, comer bolo, comer pudim. E o meu olho grande também, né? Porque comer eu acho que é normal, mas comer muito não”* (grifo da autora) (Joana, 16 anos).

*“eu estou comendo bem mais besteira (...) caio na besteira, hambúrguer, só o suco que é natural”*. (grifos da autora) (Karine, 15 anos).

*“Não que eu coma fast food, essas coisas, besteiras. Meu problema com alimentação é que eu como muito. A única coisa, assim besteira, assim mais constante que eu tomo é refrigerante”* (Beatriz, 16 anos).

Os relatos demonstraram paradoxos entre o comer teórico, pautado em explicações biomédicas, e o comer cotidiano, baseado na praticidade, na aproximação com os pares, na própria predileção sensorial, muitas vezes considerado pelos interlocutores como “errado” por conta das quantidades consumidas.

Essas construções socioculturais podem refletir, ainda, nos sentimentos de autovalor e na forma como os indivíduos se vêem e significam seus corpos.

### **O olhar de fora para dentro: “Feia, ridícula, baleia, eu vejo as banhas do lado”**

Na convivência com esses adolescentes, foi possível presenciar cenas de descontentamento, dor, angústia e tristeza, algumas verbalizadas por narrativas permeadas de emoções conflitantes. Karine, por exemplo, vivencia um conflito em relação à aceitação da própria imagem, adjetivando-a em determinados momentos de forma depreciativa: *“(...) tem vezes que eu olho (no espelho) e digo você é feia, ridícula, baleia”* (grifo da autora) (Karine, 15 anos).

A respeito dos sentimentos gerados e das vivências e significações imputadas aos seus corpos, por vezes pejorativas, os adolescentes identificam áreas corporais que, segundo eles, chamam mais atenção e são sinalizações para zombarias. São as “banhas”, para Antônio e a “barriga” e

os “braços”, para Beatriz, que os personificam ao transformá-los em algo à parte ou nas partes de seu corpo que os incomodam.

“(…) ***Ela*** (segura a barriga para mostrar) e meus braços são muito grandes, é o que mais chama a atenção. Você tá vendo (aponta novamente para a barriga) (...) Por que é muito grande! É o que mais chama a atenção, e me faz ser zuada” (grifo das autoras) (grifo da autora) (Beatriz, 16 anos).

(...) eu me sinto gordo, eu me olho no espelho e eu nunca tive esse peso todo, eu nunca cheguei a ultrapassar 100 Kg, e hoje eu estou com 110 Kg, eu nem acreditei a primeira vez que eu passei de 100 Kg (...). ***Eu vejo as banhas do lado e tal***(grifo das autoras) (grifo da autora) (Antônio, 19 anos).

Na adolescência, a formação da identidade pessoal perpassa necessariamente pela relação com o próprio corpo. Por sua vez, a imagem corporal ultrapassa os campos dos sentidos ou até mesmo da imaginação, sendo permeada por figurações e representações mentais que são influenciadas pelo mundo exterior e pelos grupos com os quais os indivíduos se relacionam (FERRIANI, 2005; FEATHERSTONE, 2010).

Para Márcio, o peso é algo que “não quer sair do seu corpo”, como se não lhe pertencesse, um intruso que se deseja expulsar. Paradoxalmente, esse jovem que conceituou obesidade como um grau de incapacitação distante de sua realidade –“***dependência de outras pessoas para fazer movimentos que você não consegue sozinho***” - neste momento, trouxe a insatisfação relacionada ao seu peso e à sua mobilidade:

“Rapaz, acho que o peso gosta tanto de mim que não quer sair de meu corpo, (risos), ele gosta de mim, mas eu não gosto dele. (...) tento me aceitar do jeito que eu sou. Mas, eu fico incomodado com o peso de meu corpo, com a mobilidade que eu tenho” (Márcio, 17 anos).

Para esse adolescente, a tentativa de aceitação passa pela (in) corporação do “peso” que o incomoda: “eu não gosto dele”, “eu fico incomodado com o peso de meu corpo, com a mobilidade que eu tenho”. Ao mesmo tempo, é narrada sua “incapacidade” para sair desse incomodo, pois esse “peso” parece ser um ente com vontade própria: “ele gosta tanto de mim”, ele “não quer sair de meu corpo”.

Thiago não aceita o seu corpo obeso, o que faz com que ele se veja como um estranho, cansado de seu corpo desconfortável, que não é sentido como seu. Thiago diz que é gordo desde que nasceu e, aos 18 anos de idade, sinaliza que é hora de mudar:

“Um estranho (pausa) eu me vejo como um estranho, literalmente um estranho, porque, é, eu não me sinto confortável no meu corpo. Então, é como se eu olhasse para alguém que não fosse eu. Sabe? Como se alguém estivesse ali, mas não, não é você. Entendeu?(...)Cansado, do velho corpo, diga-se de passagem, uma, um

*querer mudar, entendeu? (...) cansado, um pouco cansado, cansado, tá na hora de mudar, porque como eu havia dito: também eu sou gordo desde que nasci, então meio que tá na hora de eu mudar”* (grifos da autora) (Thiago, 18 anos).

Merleau-Ponty (2011) nos ensina que o corpo não deve ser visto como um simples componente orgânico e um alojamento de ideias. Segundo o autor, o homem não possui um corpo, mas é um corpo, que percebe e é percebido, e media as relações entre os indivíduos e o mundo. Assim, é por meio do “corpo vivido” que o homem se torna um ser no mundo.

No presente trabalho, este empoderamento do corpo, visto não como um elo do indivíduo com o mundo, mas sim como o próprio indivíduo, o que lhe permite se relacionar em sociedade, mostrou-se fragilizado, refletindo uma visão fragmentada, um estranhamento e não aceitação, situação que, para os olhos alheios, pode parecer precoce diante da pouca idade dos interlocutores, mas que para eles demonstrou ser a vivência de um longo caminho. A relação com o corpo, por se tratar de um processo singular e plural, envolve ainda o modo como são percebidos. Assim, o olhar do outro muitas vezes redireciona a forma como significam os seus corpos.

### **O olhar para fora: “gordo fica mau visto em qualquer lugar”**

Há, na sociedade moderna, um patrulhamento relacionado ao peso corporal. Essa cobrança, muitas vezes, inclui a própria família, amigos e os diferentes pares com os quais os sujeitos se relacionam. Sobre estes recaem, ainda, as influências dos meios de comunicação. Assim, o indivíduo é bombardeado por informações e produtos que incluem dietas, suplementos, cosméticos, exercícios físicos, entre outros, sendo incitados, por meio de uma suposta facilidade, a adentrar neste universo.

Gonçalves (2004), ao analisar diferentes estudos, afirmou que as pessoas que se encontram com excesso de peso são vistas como “relaxadas, feias, sujas e culpadas de sua condição”, julgamentos que podem causar sofrimento e se relacionar negativamente com a identidade do indivíduo, reduzindo-o ao seu peso corpóreo.

Para os adolescentes, essas assertivas podem ser mais preocupantes, uma vez que estão construindo sua identidade, o que pode ocasionar sentimentos de estranheza, negação do próprio corpo e impactos na autoestima, imagem corporal e na sua saúde.

Nesse estudo, foram encontrados indícios de negação da imagem corporal, estranheza com o próprio corpo e dificuldade de se relacionar com os pares:

(...) **“gordo fica mau visto em qualquer lugar, em qualquer estabelecimento, tudo que é diferente é mau visto na sociedade, entendeu? (...)É assim, a pessoa é gorda, pode ser bonita, mas tipo, sendo gorda,torna ela feia, mas ela não é feia, ela é gorda. Entendeu? É isso que acontece. É aquela questão: ““seu rosto é tão bonito, por que você não emagrece?””(...** ir a praia se torna extinto” (grifos da autora) (Beatriz, 16 anos).

**“(...)então, se alguém me tratar diferente, eu me afasto da pessoa, trato ela diferente também”** (grifo da autora) (Joana, 17 anos).

Sentimento de rejeição entre adolescentes com excesso de peso também foi identificado por Ferriani *et al* (2005). Para os autores, a comparação com os pares, situações de preconceito e estigma e ainda a culpa por se sentirem diferentes dos padrões idealizados podem levar ao isolamento social.

Baseado na cultura do consumo, o corpo é ressignificado constantemente, não existindo, portanto, um único padrão estético propagado como adequado. Aliás, estes são voláteis, o que torna essa busca pelo utópico “corpo ideal” muito menos palpável.

A corporalidade pode interferir, também, na maneira como os indivíduos se vestem. Conforme afirma Godart (2010), esse ato envolve “imitação” e “diferenciação” por meio das (re) leituras dos estímulos cotidianos.

### **“Eu não escolho a roupa é ela que me escolhe”**

Vestir-se, na sociedade contemporânea, apresenta uma significação que vai além da proteção do corpo, conforme afirma SANT'ANNA (2009):

“(...) vestir-se vai além do ato simples e mecânico de proteção do corpo, o ser humano veste e adorna sua corporalidade com símbolos que ele sabe que os outros de sua sociedade saberão ler. Ele *escolhe* o que vestir. É uma seleção da imagem da pessoa como ser social, conformando uma construção visual frente à sociedade, pois fala aos iguais, aos que pertencem ao mesmo grupo e suas diferenças frente aos outros” (SANT'ANNA, 2009, p. 50).

Contudo, mesmo que deseje, nem sempre por meio do que veste, o indivíduo consegue se aproximar do que é significado como belo e “apropriado” pelos grupos com os quais se relaciona. Tal situação foi evidenciada por Gonçalves (2004), Ferriani (2005), Aguilari *et al.* (2010) e Serrano *et al.* (2010) em estudos com adolescentes com excesso de peso e reforçada no presente estudo.

Segundo os entrevistados, constrangimento, indícios de cobrança dos pares, abandono de algum estilo e readequação na forma de se vestir, estiveram presentes em suas trajetórias:

(...) *“quando a gente vai comprar alguma coisa, vai numa loja, aí experimento uma roupa e vejo que não dá, **aí fica aquele constrangimento**, (...), saio da loja, aí vou emagrecer”* (grifo da autora) (Beatriz, 16 anos).

*“Mainha sempre fala que achar roupa pra mim é difícil, então quando acha tem que comprar logo”* (...) *“aí elas falam (se referindo a mãe e a irmã) “achei esse short ficou ótimo, deu em você, agente tem que comprar logo””* (Joana, 17 anos).

(...) *“queria muito usar 38 ao invés de 44 ou 46 (...) queria muito poder comprar roupas sem ter a preocupação que não dá porque sou gorda”* (Karine, 15 anos).

(...) *“eu até **abandonei um estilo**, aquelas bermudas de surfista eu acabei abandonando, porque algumas não davam mais em mim, e quando davam ficavam meio apertadas”* (grifo da autora) (Márcio, 17 anos).

*“**Não é difícil achar roupa que me agrada, mas é difícil achar roupa que me agrada e que se adeque ao meu corpo.** (...) Porque muitas roupas que eu, que eu acabo gostando elas não se adequam muito bem ao corpo, ou fica um pouco exagerado, então, (...) aí você acaba se adequando a um tipo de roupa que não é exatamente as roupas que você quer”* (grifo da autora) (Thiago, 18 anos).

O corpo é o meio pelo qual o indivíduo fala com o mundo e a seleção de roupas e adornos também participa da construção deste diálogo. Entre adolescentes, até mesmo pelo apelo comercial a que são expostos, destaca-se o uso de peças “da moda” que representam símbolos para seus grupos e os identificam. São as “bermudas de surfista”, que contrário à sua vontade, Márcio não usa mais; são as peças de tamanho pequeno, desejadas por Karine por ter dificuldades em achar os modelos que lhe agradem e caibam em seu corpo.

Para Beatriz e sua família, há até mesmo uma avidez em consumir aquilo que lhe é permitido, pois caso percam a oportunidade será difícil encontrar outra peça. Thiago vê ainda algumas roupas como exageradas ao seu corpo, o que faz com que, assim como Márcio, abandone um estilo.

Usar o que lhes cabe esteve presente no discurso desses interlocutores, aprisionados por padrões estéticos mercadológicos, que regulam os seus corpos, e favorecem um ciclo de insatisfação, por venderem um suposto padrão que faz com se sintam exagerados e abandonem estilos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, os signos atribuídos ao corpo por adolescentes com diferentes graus de excesso de peso evidenciaram conflitos, dualidades, situações de estigma e isolamento social e, em determinados momentos, a verbalização de um aceitar não aceitando.

As tentativas de descortinar significados atribuídos ao corpo, entre indivíduos que se encontram em um período de formação de identidade social e corporal, em que muitas vezes pertencer a grupos e ser aceito pode assumir uma dimensão amplificada, permitiram uma aproximação capaz de revelar adolescentes já “cansados dos velhos corpos”.

São jovens que percebem o gordo como mal visto em qualquer lugar, donos de corpos que lhes são estranhos e dos quais não se apropriam como seus, *é ele, esse*, referido como um ser à parte. Fala-se aqui de algo que não pode ser escondido, já que os excessos corporais, diferentemente de outros aspectos, estão visíveis, tornando-os ainda excluídos socialmente, dentre outros aspectos, para usar determinadas roupas tão presentes entre o público jovem.

Os adolescentes entrevistados se mostraram muito além dos números que são, para eles, importunamente registrados na balança, dos centímetros acumulados nas cinturas, nas “banhas” e na “barriga”, do temido IMC que sentencia e transforma “gordinhos”, “cheinhos” e “inchadinhos” em obesos. Pesa ainda sobre eles o estigma que os acompanha de formas variadas desde os mais tenros anos até os dias atuais. São vítimas e “algozes” em uma sociedade que lhes cobra uma adequação a padrões mutáveis e por vezes inalcançáveis.

Assim, para compreender e propor estratégias de cuidados nas distintas redes com as quais estão entremeados é preciso ponderar o simbolismo relacionado ao peso, suas percepções que configuram as subjetividades.

É importante dar voz também aos familiares que, muitas vezes, diante da angústia dos seus filhos e do próprio despreparo, acabam sendo “policiais bons” e “policiais ruins”, conforme mencionado por um interlocutor. A escola, local onde passam boa parte dos seus dias, pode ser um ambiente de atuação integrada com a família e com os programas de saúde, visando promover um papel informativo que tem sido realizado de forma crescente e inapropriada pelas grandes mídias, com destaque a internet.

Esse acesso fácil às informações pode esconder interesses de mercado, dos quais o corpo é apenas um produto, condição que pode favorecer situações de insegurança alimentar e de riscos à saúde física e mental de indivíduos que se vêem medidos, pesados, calculados, diagnosticados e prescritos, tudo isso em tempo recorde e de forma massificada.

Não se trata de tarefa fácil. A tentativa aqui foi mostrar esses sujeitos como protagonistas de suas narrativas, objetivando assim que essa discussão possa se expandir e suscitar novos debates.



## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, F., Martinez-Vizcaíno, V., Lopez, M., Martínez, M., Martínez, S., LopezGarcia,E. (2010). **Impact of an After-School Physical Activity Program on Obesity in Children**. J Pediatr;157:36-42. Disponível em<<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20227726>>. Acesso em 04 de janeiro de 2015.
- ALVARENGA, M. **A mudança na alimentação e no corpo ao longo do tempo**. In: PHILIPPI, S.T.; ALVARENGA, M. Transtornos alimentares. São Paulo: Manole, 2004. p.1-20.
- ARAÚJO, K. L. de. **Experiência de ser nutricionista obesa no mundo do trabalho**. Salvador : UFBA, 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado em Saúde do Trabalhador) – Programa de Pós Graduação em Saúde do Trabalhador, Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). **Documento do Consenso Latino- Americano em Obesidade**. São Paulo: 2001. Disponível em:<<http://www.abeso.org.br/pdf/consenso.pdf>>. Acesso em 24 de junho de 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Obesidade**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006(b). disponível em: <[https://www.nestle.com.br/nestlenutrisaude/Conteudo/diretriz/Atencao\\_obesidade.pdf](https://www.nestle.com.br/nestlenutrisaude/Conteudo/diretriz/Atencao_obesidade.pdf)>. acesso em 17 de julho de 2014.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009. **Antropometria e estado nutricional de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009\\_encaa/pof\\_20082009\\_encaa.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf)>. Acesso em 23 de março de 2013.
- CARAM, A. A.L.; LOMAZI, E.A. **Hábito alimentar, estado nutricional e percepção da imagem corporal de adolescentes**.Revista adolescência e Saúde.Rio de Janeiro, v Adolescência &Saúde .v.9, n. 2, p. 21-29, abr/jun 2012.Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=312&idioma=Espanhol](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=312&idioma=Espanhol)>. Acesso em 04 de janeiro de 2014.
- CARVALHO, Maria Cláudia; MARTINS, André. **A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, Dec. 2004 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232004000400021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

CASTILHO, S.M. **A imagem corporal**. 1. ed. Santo André, SP: Editora ESETec Editores Associados, 2001, 100 páginas.

CORSEUIL, H. X. **Excesso de peso e pressão arterial em adolescentes de João Pessoa-PB**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 20, n. 2, p. 273-280, 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/4385>> . Acesso em 08 de abril de 2014.

DAMASCENO, V.O., et al. **Imagem corporal e corpo ideal**. Revista Brasileira Ciência e Movimento, Juiz de Fora, v.14, n.2, p. 81-94, 2006. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/691/696>>. Acesso em 13 de setembro de 2013.

ESTEBAN, M.L. **Antropologia del cuerpo. Género, itinerários corporales, identidade y cambio**. Bellaterra, Barcelona, 2004.

FEATHERSTONE, M. **Body, image and affect in consumer culture**. Body & Society, London, v.16, n. 1, p. 193-221, 2010.

FERRIANI, Maria das Graças C., et al . **Autoimagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso**. Revista Brasileira Saúde Materno Infantil, Recife, v. 5, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 24 jun. 2013.

FREITAS, M. do C. S. e colaboradores. **Percepção dos obesos sobre o discurso do nutricionista estudo de caso**. In: Escritas e narrativas em alimentação e cultura. Salvador: EDUFBA; 2008.

FREITAS, M. do C.S. **Mulher Light: Corpo, Dieta, Repressão**. In: FERREIRA, S. L. & NASCIMENTO, E. R. Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea, Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIUGLIANO, R.; CARNEIRO, E. C. **Fatores associados à obesidade em escolares**. Jornal Pediátrico, Rio de Janeiro, v.80, n.1, fev. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

GODART, Frédéric. Sociologia da moda. São Paulo: Editora Senac, 2010.  
GONÇALVES, C. A. **O “peso” de ser muito gordo: um estudo antropológico sobre obesidade e gênero.** V. 05. N. 11, jul./set. de 2004. – Semestral. Disponível em: [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme). Acesso em 15 de dezembro de 2014.

GONÇALVES, C. A. **O “peso” de ser muito gordo: um estudo antropológico sobre obesidade e gênero.** V. 05. N. 11, jul./set. de 2004. – Semestral. Disponível em: [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme). Acesso em 15 de dezembro de 2014.

KLEINMAN, A. **Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems.** Social Science and Medicine. v. 12, p. 85-93, 1978. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160798778900145>>. Acesso em 01 de março de 2013.

LEMOS, M.C.M.; DALLACOSTA, M.C. **Hábitos alimentares de adolescentes: Conceitos e práticas.** Arq. Ciênc. Saú, de Unipar, Umuarama, v. 9, n.1, jan./abr. p.3-9, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/saude/article/view/212/186>>. Acesso em 09 de outubro de 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O desafio do conhecimento.** 11ª. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.

PACHECO, S. S. M. **O hábito alimentar enquanto comportamento culturalmente produzido.** In: Escritas e narrativas em alimentação e cultura. Salvador: EDUFBA; 2008.

PINTO, Maria Soraia; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca da obesidade entre usuárias da rede pública de saúde de um município do Nordeste do Brasil.** Physis, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 dezembro de 2015.

RIZZINI, I.; PEREIRA, L.; ZAMORA, M. H.; COELHO, A. F.; WINOGRAD, B.; CARVALHO, M. **Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias.** Revista Alceu. PUC – Rio, Rio de Janeiro, v.6. n.11, p.41-63, 2005. Disponível em <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu\\_n11\\_Rizzini.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu_n11_Rizzini.pdf)>. acesso em 07 de outubro de 2014.

RODRIGUES, A. M.; FISBERG, M.; CINTRA, I. P. **Avaliação do estado nutricional, prevalência de sintomas de anorexia nervosa e bulimia nervosa e percepção corporal de modelos adolescentes brasileiras.** Rev. Nutrição Brasil, São Paulo, v. 4, n. 4, p 182 -187,

jul./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n3/04.pdf>>. Acesso em 25 de setembro de 2014.

SANT'ANNA, Patricia. **Moda: uma apaixonante história das formas**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 61, n. 1, 2009. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252009000100020&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000100020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 Dec. 2014.

SANTOS, C.C; RESSEL, L.B; ALVES, C.N; WILHELM, L.A; STUMM, K.E; SILVAA, S.C. **A influencia da cultura no comportamento alimentar dos adolescentes: uma revisão integrativa das produções em saúde**. Revista adolescência e Saúde. 2012; v. 9, n. 4, p. 37-43. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=343](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=343)>. Acesso em 02 de janeiro de 2015.

SANTOS, L.A.S. **O corpo, o comer e a comida, um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M.G.C; VALLE, E.R.M. **O sentido de existir de adolescentes que se percebem obesas**. Revista Ciência Cuidado e Saúde. 2002;1(1):101-4. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5661>>. Acesso em 23 de julho de 2014.

SCHERER, P.S.; SANTOS, A.M. **A Contribuição das Políticas Públicas no enfrentamento a Obesidade**. Jornada Internacional de Politicas Publicas. São Luiz -Maranhao. 2011. Disponível em:<[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QUESTAO\\_AGRICOLA\\_E\\_AGRARIA\\_SEGURANCA\\_E\\_POLITICAS/A\\_CONTRIBUICAO\\_DAS\\_POLITICAS\\_PUBLICAS\\_NO\\_ENFRENTAMENTO\\_A\\_OBESIDADE\\_NO\\_BRASIL.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTAO_AGRICOLA_E_AGRARIA_SEGURANCA_E_POLITICAS/A_CONTRIBUICAO_DAS_POLITICAS_PUBLICAS_NO_ENFRENTAMENTO_A_OBESIDADE_NO_BRASIL.pdf)>Acesso em 09 de julho de 2013.

SERRANO, S. Q. et al . **Percepção do adolescente obeso sobre as repercussões da obesidade em sua saúde**. Revista da escola de enfermagem da USP, São Paulo, v.44, n.1, mar. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 nov. 2014.

SUDO, N.; LUZ, M. T. **O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais**. RevistaCiência& saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, Aug. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000400024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000400024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de novembro de 2014.  
TAVARES, M.C.G.C. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. 1.ed. Editora Manole, 2003.

TURNBULL, J.D.; HEASLIP, S; MCLEOD, H. A. **Pre-school children's attitude to fat normal male and female stimulus figures**. Int. J. Obesity, v.4, n.2, p.1705-1706, 2000. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11126228>>. Acesso em 05 de janeiro de 2014.

WHO. **Growthreference data for 5-19 years**. Disponível em:<<http://www.who.int/growthref/en/>>Acesso em 17 de julho de 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION.**Adolescent health** .2013.Disponível em: <[http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/)>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

## **ARTIGO 02**

**Significados atribuídos à comida e ao comer por adolescentes com sobrepeso e obesidade, estudantes do ensino médio de uma instituição pública, na cidade de Salvador - Bahia.**

Nádjia Dessa São Pedro

## RESUMO

### Objetivo

Discutir os significados atribuídos à comida e ao comer por adolescentes com excesso de peso.

### Métodos

Estudo descritivo, exploratório, de cunho etnográfico, realizado em uma instituição pública de ensino. Critérios de inclusão: ter entre 10 e 19 anos de idade, ser estudante do ensino médio e sentir-se com ou apresentar sobrepeso/obesidade. Para identificar os participantes utilizou-se o método “bola de neve”, no qual, por meio de um indivíduo, são obtidos contatos de outros possíveis interlocutores (MINAYO, 2013). Foram realizadas duas entrevistas individuais, além disso, os participantes foram estimulados a escreverem um texto dissertativo, respondendo à provocação: “como você se sente com o seu corpo, no seu dia a dia?”. As entrevistas foram transcritas na íntegra e categorizadas. Posteriormente, seguiu-se a análise dos dados.

### Resultados

O excesso de peso, presente desde a infância, pareceu nortear diferentes trajetórias alimentares. O comer teórico pautou-se no consumo de frutas, verduras e no princípio da moderação, enquanto a prática revelou o “comer besteira”, carregado de simbolismos. No ambiente doméstico, desvelaram-se os indícios do comer em excesso, acompanhados de tentativas compensatórias a partir da utilização, ainda que de forma ineficaz, das “dietas da moda”.

### Conclusão

Os sentimentos e signos atribuídos ao comer e à comida evidenciaram os conflitos e dualidades desta prática sociocultural tão expressiva, capaz de nutrir não apenas o corpo, mas também aos desejos sensoriais, sendo uma fonte de prazer muitas vezes controlada, medicalizada e prescrita na sociedade atual.

**Termos de indexação:** Alimentação; Excesso de peso; Narrativas sobre o comer; Práticas alimentares; Saberes e significados atribuídos à alimentação.

## ABSTRACT

### Objective

Discuss the meanings attributed to food and eating for teenagers overweight .

### Methods

This descriptive and exploratory study is from an ethnographic nature which was held in an educational public institution. The criterions for this study are: teenagers have to be between 10 and 19 years old, high school student and feel /being overweight/obese. .The reception of the students had occurred by the “snowball” method, in which, by means of an individual contact of other possible contacts are obtained. The participants were interviewed twice. In addition, the individuals had been encouraged to write an argumentative essay which they had to respond a provocative question: “how do you feel about your body in your everyday life?”. All interviews were transcribed for verbatim and them they were categorized. Subsequently , followed by data analysis .

### Results

Overweight, present since childhood, it seemed different food guide paths . The theoretical eat was marked in the consumption of fruits, vegetables and the principle of moderation, while the practice revealed the "eat shit", loaded with symbolism. In the home, unveiled to the evidence of overeating, accompanied by compensatory attempts from the use, albeit inefficiently , the " fad diets " .

### Conclusion

Feelings and signs attributed to eating and food showed the conflicts and dualities of this socio-cultural practice so expressive , able to nourish not only the body but also to sensual desires , being a source of pleasure often controlled medicalized and prescribed in the present society.

**Indexing terms:** Overweight; Narratives eating; Eating habits; Knowledge and meanings attributed to food.



## INTRODUÇÃO

A adolescência, período compreendido entre 10 aos 19 anos de idade (WHO, 2013), é uma etapa que envolve transformações biológicas, emocionais e sociais que podem repercutir em alterações no tamanho, na aparência e satisfação corporal (RODRIGUES et al., 2005; DAMASCENO et al., 2006).

Para essa faixa etária, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) em 2009 identificou que o excesso de peso atingiu 21,5% dos jovens brasileiros, oscilando entre 16% e 18% no Norte e Nordeste, e entre 20% e 27% nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil (BRASIL, 2010).

No país, o fenômeno de transição nutricional, intensificado nas últimas décadas, repercutiu no aumento do consumo de alimentos industrializados, ricos em gordura, sódio e açúcar bem como na redução da ingestão de frutas, legumes e cereais integrais, mudanças que favorecem o aumento do peso corporal (BRASIL, 2010). A esse cenário alimentar, soma-se ainda a redução das práticas de atividade física e lazer, consequências das “facilidades” da vida moderna. Entre os adolescentes, destaca-se o tempo dispendido com videogames, computadores, celulares e televisão (RIZZINI et al., 2005).

A alimentação na adolescência é composta por diferentes espaços de comensalidade, englobando o ambiente doméstico, escolar e o “comer na rua”, constituído por lanchonetes, restaurantes, vendedores informais entre outros (GIUGLIANO, 2004; MENDONÇA & ANJOS, 2004).

As conexões entre esses “espaços” formam teias que se correlacionam com a (re) formulação de hábitos alimentares (FREITAS & FONTES, 2008; PACHECO, 2008). O “estilo jovem de ser”, visto por Lemos (2005) como uma forma de se relacionar com o mundo e se expressar, reflete também no comportamento alimentar.

As representações culturais que permeiam a alimentação são carregadas de simbolismos e expressam aspectos associados à história de vida, ao comportamento alimentar na infância, às crenças e mitos relacionados aos alimentos, à influência dos meios de comunicação, do cenário socioeconômico, do capitalismo, da globalização, entre outras questões (HERNÁNDEZ & ARNÁIZ, 2005; BITTENCOURT, 2013; SILVA et al., 2014).

Todas essas interferências tornam o comer um processo individual e coletivo, marcado por distintas dimensões e trajetórias que tendem a não ser lineares (SANTOS, 2008).

Alimentar-se, então, ultrapassa a seleção do que seria mais saudável, dos nutrientes, do que e quanto se come, agregando aspectos sensoriais, lembranças e relações afetivas que se

estabelecem em torno do alimento (ALVARENGA, 2004; SANTOS et al., 2012). Considerando esses aspectos, Santos (2008) critica a culpabilização e a medicalização do comer, cada vez mais presentes na sociedade atual. A autora enfatiza a importância do aprofundamento de questões que vão além do número de calorias e de nutrientes e que permeiam os sentimentos e a relação com a comida.

As particularidades que envolvem os adolescentes os tornam um dos principais alvos da indústria alimentícia, que utiliza diferentes meios para alcançá-los, com ênfase para a televisão e a internet, que veiculam paradoxalmente propagandas de alimentos industrializados e hipercalóricos e padrões de beleza com corpos delgados e distantes da realidade obesogênica (ESTEBAN, 2004).

Diante do cenário atual lipofóbico e mercantilista, bem como da atualidade desta temática e da importância em ampliar os estudos que envolvam abordagens qualitativas e socioculturais da alimentação do adolescente, este artigo objetiva discutir os significados atribuídos ao comer e à comida por adolescentes com excesso de peso, estudantes do ensino médio de uma instituição pública de ensino.

## **METODOLOGIA**

Os resultados obtidos com o projeto de pesquisa “Significados Atribuídos ao Corpo e ao Comer experimentados por adolescentes com excesso de peso, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Salvador-Ba”, submetido ao programa de Pós Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da UFBA, subsidiaram a construção deste artigo.

Trata-se de estudo descritivo, exploratório, de cunho etnográfico, realizado em uma instituição de ensino público federal. A fase exploratória ocorreu entre os meses de junho e julho de 2013, seguida da imersão em campo, no período de maio a outubro de 2014.

Os critérios de inclusão adotados foram: ter entre 10 a 19 anos de idade, o que os caracteriza como adolescentes segundo padrões da OMS (WHO, 2013); estudante do ensino médio; estar ou sentir-se com algum grau de excesso de peso (sobrepeso/obesidade); para os maiores de 18 anos, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, quando menor, apresentar este termo assinado por pais ou responsável juntamente com o termo de assentimento do aluno.

Para o acolhimento dos estudantes foi utilizado o método “bola de neve”, no qual, por meio de um indivíduo, o pesquisador se informa sobre outros possíveis contatos (MINAYO, 2013). Inicialmente foram identificados 22 adolescentes. Porém, a partir das tentativas de iniciar os diálogos bem como dos critérios adotados de similaridades de narrativas, o número de interlocutores restringiu-se a sete.

A fase exploratória contemplou observações dos espaços de alimentação e convivência compostos pelo refeitório, cantina, área externa às salas de aula e o entorno da instituição, que inclui lanchonetes, supermercados, restaurantes e vendedores ambulantes.

O diário de campo foi utilizado durante a execução de toda a pesquisa, registrando-se as impressões frente aos comportamentos, acontecimentos e comensalidade, assim como informações essenciais para o enriquecimento e compreensão das narrativas.

Foram realizadas duas entrevistas individuais com cada interlocutor, transcritas integralmente. No primeiro momento, utilizou-se um bloco de questões norteadoras. Na segunda entrevista, apenas uma questão foi levantada: “como você refletiu sobre as questões abordadas na primeira entrevista?”. A partir dessa provocação e da interação com os interlocutores, foram introduzidas novas questões sobre alimentação e corporalidade.

Os interlocutores foram ainda estimulados a escrever um texto dissertativo, respondendo a seguinte indagação: “como você se sente com o seu corpo no seu dia a dia?”. A técnica utilizada suscitou narrativas sobre a experiência de ser adolescente e apresentar excesso de

peso ou obesidade e de como essa relação se estabelece nos seus itinerários alimentares e corporais.

Após repetidas leituras do material etnográfico, identificou-se palavras, expressões chaves e categorizações. A abordagem hermenêutica dialética foi eleita para a análise dos dados. Segundo Gadamer (1997), esta abordagem é a mais indicada, pois dialoga melhor com a realidade dos indivíduos, uma vez que a fala é analisada de acordo com o seu contexto sociocultural. Assim, as narrativas foram interpretadas com o intuito de compreender como esses adolescentes significam o comer e a comida, bem como as trajetórias e estratégias utilizadas baseadas nesses signos.

A partir dos recortes realizados, foram selecionados os eixos temáticos para discussão, sendo destacadas as palavras e expressões que traduziam o significado/a concepção diante do contexto pesquisado.

O projeto de pesquisa que subsidiou a construção deste artigo foi submetido ao Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, em 31 de março de 2014, conforme recomenda a Resolução nº 466 de 2012, que trata sobre as pesquisas em seres humanos, com parecer de aprovação número 575.000.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **O comer na infância: mães “esforçadas”, “cuidadasas” e “preocupadas” versus famílias que comiam muito errado.**

Muitos estudos apontam que os hábitos alimentares da idade adulta estão relacionados com os desenvolvidos ainda na infância, destacando o papel da família, seguido da escola, das redes socioeconômicas e culturais, com as quais o indivíduo está inserido e que interagem e influenciam na construção da sua identidade alimentar (HELMAN, 2003; HERNÁNDEZ, 2005; SIMON et al., 2009; ESTIMA et al., 2009).

Para Rotenberg (2004), as lembranças da alimentação na infância “são temperadas por afetos, ritos e sabores”. Assim como evidenciado por Costa et al. (2010), no presente estudo, a figura materna foi citada como auxiliadora, não apenas no preparo das refeições, como no cuidado com o que comiam:

*(...) “minha mãe sempre muito esforçada, ela pegava a gente, eu e minha irmã (...) para almoçar em casa (...) às vezes tinha de voltar pro colégio. Ela levava de novo, aí a gente sempre almoçava em casa”. (Antônio, 19 anos).*

*“Olha, minha mãe era muito cuidadosa com a gente, mandava (para o lanche da escola) agente levar frutas, às vezes quando tinha aniversário, da gente mesmo, é que agente levava chocolate, bolo. Mas quando a gente era pequeno, ela era muito cuidadosa e só levava frutas mesmo” (Márcio, 17 anos).*

*(...) “minha mãe desde o início ela já se preocupava com essa questão dos problemas de saúde (...) e desde criança eu fui sempre acostumado a comer verdura” (Thiago, 19 anos).*

O cuidado alimentar, na esfera do lar, parece ser investido de sentidos que permeiam o universo materno, quase fazendo uma correlação com o mito do amor materno, aqui, não se referindo à amamentação, mas ao ato de dar de comer ou orientar a alimentação do filho.

Na infância, a família apresenta relevância desde a seleção, até o preparo e o cuidado com a qualidade e quantidade de alimento oferecido (GELLAR, 2007; ROSSI; MOREIRA & RAUEN, 2008). Contudo, como sugere Fisberg et al. (2000), nem sempre as condutas familiares são interessantes ao desenvolvimento da criança, a exemplo do uso do alimento como premiação, repressão ou castigo.

Costa et al. (2010) criticam a postura de alguns pais diante da alimentação oferecida no ambiente doméstico, caracterizando-os como “agentes tentadores” ou “sedutores”. No presente estudo, foram evidenciados alguns desses aspectos, como Karine, que enumerou com ar de felicidade que “comia de tudo”, justificando o fato por ser filha única:

*“Bastante bolo, refrigerante, eram caixas e mais caixas de refrigerante em minha casa (risos), biscoito recheado. Como eu sou filha única, minha mãe me dava de tudo, tudo que eu queria, aí a dispensa era sempre cheia de merenda, eu comia, era “Nescau”, muito, de tudo” (Karine, 15 anos).*

Por sua vez, Beatriz lança luz aos hábitos de consumo dos pais, que jantavam todos os dias, o que para ela não era adequado, por não ser uma “comida leve”. A jovem afirma que foi “colocada nisso”, como se entendesse cometer um delito, do qual a culpa recaí sobre os pais:

*“Era uma alimentação muito errada, porque meu pai e minha mãe, é. (...) Eles não são de tomar café à noite, são de jantar, aí eu fui colocada nisso” (Beatriz, 16 anos).*

Destaca-se na fala de Joana o fato de tomar mamadeira “até velha”, enquanto a mãe realizava os afazeres domésticos, bem como a introdução precoce de achocolatado, sugerindo que, essas eram opções que não demandavam tempo e complexidade para o preparo:

*(...)“eu lembro que eu tomei mamadeira até velha, mamadeira com vitamina, eu e minha irmã (...)e, tipo, “Nescau®” tomo desde pequena” (Joana, 17 anos).*

Outros estudos assinalam a introdução precoce dos achocolatados na alimentação de crianças, associando o seu consumo à facilidade por não demandar tempo para o preparo, e atribuindo, à sua ingestão frequente, a maiores riscos de desenvolvimento de sobrepeso e obesidade (ROTENBERG, 2004; SIMON, 2009; COLUCCI, 2012).

Na adolescência, os sujeitos experimentam maior autonomia que se reflete, inclusive, no comer. Além disso, a maior necessidade de aproximação com os pares pode interferir na relação e significação atribuída ao alimento. Contudo, mesmo considerando esses aspectos, a base desenvolvida na infância continuará interferindo em diferentes intensidades nos sentidos e hábitos alimentares. O início da idade escolar marca, portanto, uma nova etapa na vida da criança, representando uma ampliação nos seus mundos.

### **Saindo dos domínios familiares: as primeiras experiências do comer fora de casa**

As primeiras experiências escolares repercutem na interação com outras crianças e com novos alimentos e modelos até então mediados apenas pelos familiares (FISBERG, et al., 2000; SOUZA, 2006).

O comer na escola e na “rua”, representado na infância principalmente pelo entorno do ambiente escolar, emergiu nas falas dos interlocutores. Antônio mencionou a proibição da venda de lanches “não saudáveis” no espaço interno da escola e as alternativas utilizadas para acesso aos vendedores ambulantes, responsáveis por comercializar uma infinidade de outras opções alimentares, restringidas naquele ambiente, mas disponíveis por entre as grades e os portões da instituição:

*“(... )tava tendo aquele negócio lá de alguma agência de saúde, dizendo que alguma coisa lá, que não pode vender lanche não saudável” (...). Nos ambulantes, vendia pipoca, vendia pizza, vendia pastel, hambúrguer, bala. Os ambulantes ficavam lá na porta, aí eu comprava”. (Antônio, 19 anos).*

A fala remete à reflexão de que as proibições e outras “estratégias” utilizadas para promoção da alimentação saudável no ambiente escolar, quando não amparadas por programas que envolvam toda a comunidade, incluindo os vendedores que atuam em seu entorno e os familiares dos estudantes, não são eficazes, surtindo efeito apenas paliativo.

Novamente o cuidado materno emergiu, dessa vez não mais no preparo e, sim, na orientação quanto ao que consumir. Márcio, que somente após a 7ª série resolveu “abrir um pouco” para experimentar lanches ainda não consumidos, destacou que nos primeiros anos escolares seguia as orientações maternas e que sua mãe, apesar de dar o dinheiro para compra de lanches, orientava quanto à aquisição apenas de opções assadas: *“(...) comprava fora da escola porque era ao forno, a partir da 2ª série, antes disso eu levava de casa” (Márcio, 17 anos).*

Os interlocutores que na infância estudaram em escolas públicas relataram o consumo da alimentação escolar fornecida pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (BRASIL, 2015). As alternativas oferecidas pelo PNAE mostraram-se monótonas, sendo compostas por biscoito, mingau, arroz doce, sopa e achocolatado, além de alguns relatos de “comida” no horário do lanche. De forma similar àquela encontrada por Martins *et al* (2004), em estudo conduzido com escolares do ensino fundamental, essa última opção não se mostrou atrativa aos adolescentes: (...) *“só que a comida eu já tinha almoçado, aí então não tinha muita lógica comer, aí eu acabava não comendo” (Thiago, 19 anos).*

Apesar de relatarem o consumo da alimentação fornecida pelo PNAE, os adolescentes também compravam lanches, possivelmente para satisfazer o prazer sensorial e a necessidade de aceitação, status e modismo, tão amplificadas na adolescência (FISCHLER, 1993; SILVA, 2012; BITTENCOURT, 2013):

*“Ah, porque, (risos), eu não sei, é que é assim, geralmente eu não pegava, às vezes eu pegava, ia pra fila, todo mundo ficava falando que a comida é ruim (gaguejou) eu comprava meu lanche” (Karine, 15 anos).*

Esse movimento de ir e vir entre o lar e a rua, entre comer em casa, sob orientação da mãe, e o comer fora, apresentou-se permeado de significados que envolvem a transição entre a infância e a adolescência, ao passo que a relação com a alimentação passa a expressar esse processo de intermediação entre o comer entendido por esses sujeitos como “ideal” e o comer cotidiano.

**Na teoria: o “clichê” de frutas e verduras! Na prática: o comer rápido e a omissão de refeições.**

Notou-se similaridade nas narrativas a respeito do que seria alimentação saudável. Assim como encontrado por Silva (2012), em estudo que discutiu os sentidos atribuídos por adolescentes cariocas à alimentação, as respostas englobaram a presença de salada, verduras, legumes e frutas:

*“Eu entendo aquele clichê que todo mundo fala, a fruta, verdura, comidas que não são muito gordurosas e tal” (Joana, 17 anos).*

*“Alimentação saudável, eu acho que, o pessoal diz aí que é salada e eu também acho” (Antônio, 19 anos).*

*“Acho que são as coisas naturais, as verduras, legumes” (Karine, 15 anos).*

Gemima de forma complementar, amparada pelas explicações do pai, que para ela é “*um verdadeiro nutrólogo*” por se interessar pela temática da alimentação e nutrição, diferenciou produtos alimentícios de alimentos, afastando o industrial do “natural”:

*“Acho que são alimentações também naturais, alimentações que, como meu pai mesmo fala, não são produtos alimentícios, são alimentos de verdade, frutas essas coisas. Tudo que não é feito pelo homem, tudo que não é gerado, tudo que já nasceu tendo no planeta, sem a interferência do homem” (o que considera como alimentação natural) (Gemima, 15 anos).*

A moderação ao comer também foi destacada como essencial para classificar uma alimentação como saudável: “*(...) nada exagerado, sempre na medida certa, nem muito, nem pouco, naquela medida que dê pra satisfazer, somente e pronto*”. (Thiago, 19 anos).



Se por um lado houve explicações sobre o comer saudável baseadas em conhecimentos prescritivos, por outro, ao falarem de sua alimentação cotidiana, sobressaiu o comer rápido, a omissão de refeições, bem como a substituição do almoço por lanches. Percebeu-se, assim, um distanciamento entre o saber teórico e a prática, situação amplamente divulgada em diferentes estudos voltados a essa faixa etária (ALVARENGA, 2004; LEMOS, 2005; ALVES, 2012; SILVA, 2012).

A rapidez ao comer, refletindo na seleção dos alimentos e na relação com a comida, foi demonstrada inclusive na forma de falar, ávida, quase atropelando as palavras:

*“(...) não sou de sentar à mesa (...). É um café muito rápido, às vezes é só um Todinho®, um iogurte, um pedaço de mamão, muito rápido (...) às vezes merendo, às vezes não merendo e às vezes almoço, às vezes não almoço (...)”* (Beatriz, 15 anos).

*“(...) aí eu faço macarrão, coisa rápida. Mijojo eu não tô comendo muito, mas antes eu comia sempre, que é mais rápido do que macarrão. E quando tem alguma coisa pronta, assim eu gosto de ser muito rápida na cozinha”* (Joana, 17 anos).

*“Porque o almoço acaba não dando tempo”* (Thiago, 19 anos).

*“Merenda, geralmente não tem não, pois eu passo muito tempo no computador ou saindo mesmo e acabo não comendo”* (Márcio, 17 anos).

Apesar de existir um refeitório na instituição, onde todos os interlocutores almoçavam no início da execução desse trabalho, observou-se sazonalidade no seu uso. Os alunos utilizam esse espaço por meio de um programa de assistência estudantil e, de acordo com as normas de funcionamento adotadas, ao se ausentarem repetidamente sem justificativa, são retirados temporariamente do programa. Contudo, pareceu não haver interesse em buscar sua reinserção, o que pode representar uma preferência por alimentos não oferecidos institucionalmente:

*“eu saí do projeto, porque, quando foi a viagem do RIPS (torneio esportivo) eu não apresentei o atestado”* (Márcio, 17 anos).

*“eu saí (...) porque eu passei uns três dias fora, mas eu vou voltar. Então meio que esses dias eu não tô almoçando, basicamente, eu fico o dia todo aqui. Mas eu não almoço, então eu acabo comendo algum salgado e um suco só”* (Thiago, 19 anos).

A falta de “apoio financeiro” foi citada ainda como uma dificuldade para manter um comportamento alimentar mais adequado. Algumas interlocutoras relataram permanecer em torno de sete horas sem se alimentar (entre o café da manhã e o almoço servido no refeitório da instituição). Além desses aspectos, essas jovens aproximaram-se também por serem

provenientes de famílias chefiadas por mulheres de baixa renda e para algumas pesavam a ausência afetiva e financeira provenientes da figura paterna.

Na tentativa de descortinar sentimentos atribuídos ao comer, notou-se os paradoxos entre o comer “ideal”, baseado nas premissas da ciência da nutrição, e o comer real que para estes interlocutores pareceu se adequar às limitações financeiras, à escassez de tempo e aos desejos e prazeres sensoriais.

Se o comer teórico foi permeado por frutas, verduras e saladas, o comer cotidiano foi amplamente associado ao “comer besteira”, termo que já introduz o símbolo que esses adolescentes atribuem à sua alimentação.

### **Caio na besteira, só o suco que é natural.**

A categoria “comer besteira” foi evidenciada entre as interlocutoras e, apesar de não ter sido utilizada pelos adolescentes do sexo masculino, observou-se que o padrão de consumo era semelhante entre os dois gêneros. Para Silva (2012), o comer besteira é usado por adolescentes para classificar alimentos sem necessidade de preparação prévia ou de rápido preparo, com baixo valor nutricional.

No presente estudo, essa categoria foi representada por doces, bolos, pudins, salgados diversos, hambúrgueres e refrigerantes. Emergiu aqui a tentativa de controlar o consumo desses alimentos, limitando-o aos finais de semana, quando seria permitido um “agradinho”, termo que faz refletir que os alimentos que não se enquadram nessa categoria não os agrada, sendo até de certa forma vistos como um castigo (contrário de recompensa, agrado). Verificou-se também a leitura de que o problema se encontra nas quantidades ingeridas e não no consumo *per si*:

*“(...) então deixo de comer besteira, doce que são coisas que eu gosto, aí no final de semana, que eu vejo que consegui, aí eu faço um agradinho (...)” (Gemima, 15 anos).*

*“Ah eu gosto de comer besteira na rua, coxinha, essas coisas, em aniversário, comer bolo, comer pudim. E o meu olho grande também, né? Porque comer eu acho que é normal, mas comer muito não” (Joana, 16 anos).*

*“Eu estou comendo bem mais besteira (...) caio na besteira, hambúrguer, só o suco que é natural” (Karine, 15 anos).*

*“Não que eu coma fast food, essas coisas, besteiras. Meu problema com alimentação é que eu como muito (...). A única coisa, assim besteira, assim mais constante que eu tomo é refrigerante” (Beatriz, 16 anos).*

A observação participante dos espaços de comercialização de lanches, tanto dentro da escola como no seu entorno, permitiu maior compreensão dos hábitos de consumo dos interlocutores.

Na cantina escolar, os balcões e paredes apresentavam chamativas imagens de hambúrgueres, salgados fritos, cachorros quentes e tortas. Além disso, a oferta de frutas “in natura” ou em sucos e saladas de frutas mostrou-se insignificante. Os próprios sucos, citados pelos entrevistados como “naturais”, em sua maior parte eram refrescos açucarados.

Assim como discutido por Zancul (2008), o papel das cantinas escolares precisa ser revisto, já que essas representam muito mais do que um local de comercialização de alimentos, sendo essenciais ao desenvolvimento de práticas alimentares mais adequadas ao desenvolvimento dos estudantes, uma vez que o fácil acesso a alimentos de baixo valor nutricional, no ambiente escolar pode interferir na formação da identidade alimentar (MONGE-ROJAS et al., 2005).

No entorno da escola, o comércio de alimentos apresentou-se ainda mais atrativo (preço e variedade), sobressaiu a preferência por diferentes tipos de salgados, acompanhados de “sucos” e refrigerantes:

*“Eu geralmente lancho um salgado (...)” (Gemima, 15 anos).*

*“Salgado com suco (risos) que é o que vende ali, o tradicional” (Joana, 16 anos).*

*“Pastel de forno de frango com catupiry (...)” (Márcio, 17 anos).*

*“É pastel de forno de frango e um salgado que eu não sei o nome agora que é de frango também com catupiry e cenoura” (Thiago, 19 anos).*

*“Geralmente eu como besteira, salgado, essas coisas, porque geralmente minha mãe me dá dinheiro, mas eu não gosto de gastar dinheiro, aí eu prefiro comprar uma coisa mais barata” (Karine, 15 anos).*

Uma alimentação rápida, monótona e que retrata o comportamento dos grupos com os quais se relacionam, são critérios associados ao comer do adolescente. De forma complementar, o fácil acesso no ambiente escolar a alimentos desta natureza favorece a manutenção desse ciclo, interferindo no processo de identidade alimentar (O’DEA, 2003; LEMOS, 2005; MONGE, 2005).

Além do cenário de refeições rápidas e de baixo valor nutricional, com destaque ao “comer besteira”, sobressaíram os relatos de indícios do comer em excesso, associados a momentos de estresse e altas demandas escolares, bem como os períodos de tentativa de controle do peso por meio de diferentes estratégias.

## O descompasso entre o comer e a comida

O comer em excesso e até mesmo compulsivo, principalmente no ambiente doméstico, associou-se a momentos de ansiedade, frustrações e pressão no ambiente escolar:

*“(...) se eu ficar em casa é a noite toda comendo, com vontade de comer, e beliscando isso, beliscando aquilo, comendo isso, fico com essa ansiedade, é horrível”* (Beatriz, 16 anos).

*“(...) ‘aí fica eu e ela (se referindo à mãe) de um lado ‘umbora comer isso, umbora comer isso’, aí acaba que fica comendo um monte de besteira, assim pão com alguma coisa dentro, bolo, qualquer coisa que tiver, fruta qualquer coisa que tiver”* (ênfase) (Joana, 17 anos).

*“Quando alguma coisa não está dando certo, eu desconto tudo isso em comida”* (Márcio, 17 anos).

*“(...) quando eu tenho alguma, algum tipo de avaliação que é perigosa entre aspas, é... acaba que eu como demais, eu fico desesperado demais”.* (Thiago, 19 anos)

Salienta-se que todos os interlocutores relataram conviver, desde a infância, com diferentes graus de excesso de peso, o que pareceu interferir na relação com a alimentação. Na busca por estratégias para a perda de peso, a internet foi uma ferramenta bastante empregada, na procura por dietas e informações sobre alimentação e suplementação. Porém, apesar de citarem o acesso às chamadas “dietas da moda”, notou-se baixa efetividade e credibilidade atribuídas às mesmas:

*“Tive um tempo que eu segui uma dieta de internet, só que eu estava me sentindo mal, porque foi uma mudança muito radical, aí eu parei de fazer, só que eu pesquisei algumas coisas, quando eu voltei para o Judô, eu voltei a pesquisar algumas coisas (...)”* (Márcio, 17 anos).

*“Já fiz uma louca, muito louca, eu comia alface de manhã, de tarde e de noite, aí pra variar eu botava alface com arroz, acho que não durou duas semanas”(...) agora estou tomando água de berinjela.* (Beatriz, 16 anos)”.

*“Actívia com a farinha seca barriga e o gojiberry (...) eu vi na internet que emagrece, aí pedi para minha mãe comprar”* (Gemima, 15 anos).

*“Foi uma de 1500, 1500 cal, só que tá até hoje em meu computador eu nunca tentei e acho que nunca vou tentar, eles fazem para um tipo de público diferente que tem uma vida mais certa, às vezes não dá”* (Gemima, 15 anos).

*“Já tentei, essas dietas, mas não nenhuma, coma só biscoito, coma, beba só água, pare de comer proteína, pare de, não. Já tentei assim tipo a essa daqui pode ser até legal o cardápio”.* (Joana, 17 anos).

Na sociedade moderna, diferentes tipos de tratamentos para perda de peso são disseminados, porém muitos destes não apresentam acompanhamento adequado e são pautados em restrições

severas, o que dificulta a sua manutenção e pode representar riscos à saúde (POULAIN, 2006; TERRES, 2006; ARAÚJO 2014). Tais restrições muitas vezes significam imposições de condutas, que especialmente na adolescência, não são bem aceitos.

Pacheco, Oliveira & Stracieri (2009), ao analisarem a qualidade nutricional de dietas publicadas em meios não científicos, observaram não haver adequação às necessidades individuais, destacando os possíveis riscos à população adolescente, não apenas nos aspectos de desenvolvimento físico, mas também àqueles relacionados ao surgimento de transtornos alimentares.

O desejo de fazer uso de medicação para perda de peso também foi evidenciado, sendo citado como algo que se *“toma uma vez só e perde peso”*. Essa afirmação reveladora demonstra a busca por resultados rápidos e quase mágicos e reflete o espírito da sociedade moderna, em que os indivíduos buscam subsídios para serem emagrecidos, acima de tudo de forma rápida:

*“Eu não sei, eu não sei muitas informações dele, só sei que o povo toma e emagrece, ele, ele inibe a fome, aí as pessoas não comem”* (Beatriz, 16 anos).

O comportamento de familiares ou amigos também podem servir como parâmetros para o seguimento ou não de determinadas condutas. Márcio, que pode acompanhar o uso de termogênicos pelo seu pai, relatou interesse em potencializar os resultados obtidos na academia, fazendo uso dessas substâncias, porém, preferiu guardar avaliação médica:

*“Eu ia tomar um termogênico pra academia, só que eu não tinha recomendação médica, eu não tomei. Meu pai comprou, por que ele tomava, mas eu não tenho o mesmo metabolismo dele, eu acabei esperando para falar com a médica”* (Márcio, 17 anos).

Entre os itinerários adotados na tentativa de perder peso, estiveram presentes ainda o uso de *shakes* e chás, alternativa utilizada por Thiago, que de forma conflitante, apesar de achar caro e não considerar duradouros, os resultados do que chama de *“tratamento”*, desejaria retomar o uso:

*“(...) o resultado não foi tão longo e eu só não continuei o processo porque acabou ficando mais caro”* (Thiago, 19 anos).

Em alguns momentos observou-se tendência em medicalizar o ato de se alimentar, distanciando-o dos prazeres sensoriais, reduzindo-o aos seus nutrientes ou à energia

necessária para os dias de “treinos” da academia, ou ainda a berinjela milagrosa capaz de promover emagrecimento. Assim numa “bricolagem de informações” que, segundo Santos (2008), são obtidas entre os diferentes grupos com os quais interagem e ressignificadas de acordo com os seus interesses e percepções.

A percepção do corpo como um desmotivador para um comportamento alimentar diferente foi levantada por Karine, já Beatriz, que na primeira entrevista afirmou não se sentir motivada para tornar as mudanças na alimentação parte de seus hábitos cotidianos, destacou em outro momento estar decidida a mudar e se “reeducar”:

*“Porque assim, eu sou sem limites no caso, eu tô comendo o que eu tenho vontade. (...) eu quero comer, mas eu penso que vou engordar, aí eu digo “ah já tô gorda mesmo então vou comer” (Karine, 15 anos).*

*“Aí eu vou começar a me alimentar, em menor quantidade, aí eu falo que vou correr, corro um dia e daí eu paro, é assim, não consigo levar a diante, entendeu? (...) Eu queria somar tudo que acontece como motivação, não consigo” (Beatriz, 16 anos, 1ª entrevista).*

*“Sim, decidi mudar, decidi entrar na academia, de me reeducar, reeducar minha alimentação (...)” (Beatriz, 16 anos, 2ª entrevista).*

Em trabalho de Santos (2008), a reeducação alimentar foi vista para alguns indivíduos adultos como salvação e, até mesmo, o “caminho da verdade”. Para a autora, o termo sugere que os indivíduos necessitam reaprender a se relacionar com o alimento e, diferentemente das dietas, que já se iniciam com tempo de duração, muitas vezes sem se adequar às individualidades, este processo amplia as responsabilidades sobre o que comer, quando e em que quantidade.

Mudanças frente ao comportamento alimentar e a motivação também estiveram presentes no discurso de Márcio. Sob orientação de uma nutricionista, o interlocutor passou a realizar alterações na alimentação e, mais uma vez, destacou o amparo materno nesta jornada:

*“(...) eu procurei, depois marquei com a minha mãe, um nutricionista mesmo, pra ter um acompanhamento e até teve uma consulta esse final de semana, aí eu comecei realmente a entrar na dieta e eu tô levando os esportes mais a sério, mais do que eu tava levando antes” (Márcio, 17 anos).*

De forma repetida, os aspectos financeiros foram levantados por Joana, avaliando-os como limitadores. Segundo ela, determinados alimentos como frutas e verduras só são adquiridos na sua casa no início do mês, não havendo uma constância na oferta:

*“(...) aí agente compra no início do mês, a gente vai no mercado e compra, aí tipo uma semana no máximo, uma semana e meia já acabou, aí nesse período que eu como fruta (risos), aí acabou a gente não compra mais, só no outro mês” (Joana, 17 anos).*

O processo de seleção de um alimento está imbricado em teias socioculturais que envolvem valores, desejos, símbolos. Os relatos permitiram identificar que em muitos momentos o comer foi representado por refeições práticas, rápidas, baratas, consumidas em grandes quantidades, socialmente valorizadas entre seus pares, dando pistas de comportamento muitas vezes associado ao público jovem (LEMOS, 2005; MONGE, 2005; TORAL *et al.*, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentimentos e signos atribuídos ao comer e à comida evidenciaram os conflitos e dualidades desta prática sociocultural tão expressiva, capaz de nutrir não apenas o corpo, mas também aos desejos sensoriais, sendo uma fonte de prazer muitas vezes controlada, medicalizada e prescrita na sociedade atual.

Os interlocutores, apesar da pouca idade, convivem com o excesso de peso desde a infância, experimentando diferentes trajetórias na tentativa de controle e redução do peso, situação que pode interferir na forma com que se relacionam com o alimento.

Em muitos momentos, o comer apareceu fragmentado, dividido entre o gostar, o que é amplamente difundido entre seus pares, as “besteiras” tão presentes na escola, no seu entorno, e em outros ambientes, vistas de forma afetuosa como um “agradinho” e o saber nutricional, prescritivo, cada vez mais divulgado nos diferentes meios de comunicação.

O comer compulsivo esteve presente, principalmente em ambiente doméstico e foi justificado como decorrente de situações de estresse e altas demandas escolares. Talvez esteja imbricado ainda nesta prática, o fato de estarem em um local em que se sentem distantes de olhares inquisitórios e que em alguns casos ainda tenham “aliados” representados pelos familiares.

Paralelamente, sinalizou-se a busca por “dietas da moda”, bem como alternativas para a perda de peso preferencialmente de forma rápida.

As próprias dietas, acessadas na internet, mostraram-se inapropriadas às suas individualidades e situação financeira, podendo repercutir na manutenção do ciclo de insatisfação corporal, já que há uma tendência em não dar continuidade às recomendações por longos períodos, devido às severas restrições encontradas.

Esse fácil acesso às dietas e informações sobre alimentação, na televisão, internet e redes sociais, pode esconder interesses de mercado, dos quais o corpo é apenas mais um produto, condição que pode favorecer situações de insegurança alimentar e de riscos à saúde física e

mental de indivíduos que se vêem medidos, pesados, calculados, diagnosticados e prescritos, tudo isso em tempo recorde e de forma massificada.

O comer besteira, tão presente nos seus imaginários, e o “tradicional” salgado facilmente encontrado dentro da própria escola remetem à importância das cantinas escolares como promotoras de ações efetivas de educação nutricional que ultrapassam o simples proibir que, como visto, é facilmente burlado.

Observou-se também o protagonismo das mães, adjetivadas de forma afetuosa. Contudo, nem sempre essa relação esteve bem estabelecida, havendo indícios de oferta excessiva de alimentos pobres nutricionalmente, bem como a introdução precoce de alimentos industrializados.

É importante dar voz a estes familiares que, muitas vezes diante da angústia dos seus filhos e do próprio despreparo, acabam sendo “policiais bons” e “policiais ruins”, termo usado por um dos interlocutores para descrever as condutas da mãe e do pai, respectivamente. Recomenda-se que a escola local onde passam boa parte dos seus dias precisa rever a alimentação disponibilizada em sua cantina, bem como dialogar com a família e o comércio local, não no sentido de proibir, mas sim para propor a inclusão de opções mais saudáveis.

Não se trata de uma tarefa fácil e por isso tem-se o intuito de dar voz a esses sujeitos tornando-os protagonistas de suas narrativas, objetivando assim que essa discussão possa se expandir. Portanto, longe de finalizar essa discussão, estes resultados suscitam e impulsionam novos debates.



## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. **A mudança na alimentação e no corpo ao longo do tempo**. In: PHILIPPI, S.T.; ALVARENGA, M. Transtornos alimentares. São Paulo: Manole, 2004. p.1-20.

BITTENCOURT, L. de Jesus. **Padrões de beleza e transtornos do comportamento alimentar em mulheres negras de Salvador – Bahia**. f.199. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13187/1/Tese%20Liliane%20Bittencourt.%202013.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sobre o PNAE**. disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/alimentacao-escolar>> Acesso em 14 de janeiro de 2014.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009. **Antropometria e estado nutricional de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009\\_encaa/pof\\_20082009\\_encaa.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf)>. Acesso em 23 de março de 2013.

COLUCCI, A. C. et al. **Factors associated with added sugars intake among adolescents living in São Paulo, Brazil**. J. Am. Coll. Nutr., v.31, n.4, p.259-67, 2012. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23378453>>. Acesso em 07 de março de 2014.

COSTA, A.L.F; DUARTE,D.E; KUSCHNIR, M.C.C. **A família e o comportamento alimentar na adolescência**. Revista Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v.07, n. 3, Jul/Set, 2010. Disponível em:<[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=236](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=236).>Acesso em 19 de julho de 2014.

DAMASCENO, V.O., *et al.* **Imagem corporal e corpo ideal**. Revista Brasileira Ciência e Movimento, Juiz de Fora, v.14, n.2, p. 81-94, 2006. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/691/696>>. acesso em 13 de setembro de 2013.  
Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/alimentacao-escolar>>. Acesso em 3 fev. 2015.

ESTEBAN, M.L. **Antropologia del cuerpo**. Gênero, itinerários corporales, identidade y cambio. Bellaterra, Barcelona, 2004.

ESTIMA, C.C.P; COSTA, R.S; SICHIERI, R.; PEREIRA,R.A; VEIGA, G.V. **Meal consumption patterns and anthropometric measurements in adolescents from a low socioeconomic neighborhood in the metropolitanarea of Rio de Janeiro, Brazil.** *Appetite*, 2009,v.52, p.735–739. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19501773>>. Acesso em 02 de janeiro de 2015.

FISBERG, M.; BANDEIRA, C.R.S.; BONILHA, E.A., HALPERN, G.; HIRSCHBRUCH, M.D. **Hábitos alimentares na adolescência.** *Pediatria Moderna*, São Paulo, v.36, n.11, p. 724-734, nov. 2000. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_materia=203](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=203)>. Acesso em 30 de abril de 2014.

FISCHELER C. **L' homnivore.** Paris: Odile Jacob; 1993.

FREITAS, M. do C. S. e colaboradores. **Percepção dos obesos sobre o discurso do nutricionista estudo de caso.** In: *Escritas e narrativas em alimentação e cultura.* Salvador: EDUFBA; 2008.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

GELLAR, L.A; SCHRADER, K; NANSEL, T.R. **Healthy eating practices: perceptions, facilitators, and barriers among youth with diabetes.** *Diabetes Educ*, 2007,v.33, n.4, p.671-679. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17684168>. Acesso em 29 de setembro de 2014.

GIUGLIANO, R.; CARNEIRO, E. C. **Fatores associados à obesidade em escolares.** *Jornal Pediátrico*, Rio de Janeiro, v.80, n.1, fev. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

HELMAN, C G. **Cultura, saúde e doença.** 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERNÁNDEZ, J. C. **Patrimônio e Globalização: o caso das culturas alimentares.** In:

CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W.D. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível.* 1.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CARVALHO, M. **Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias**. Revista Alceu. PUC – Rio, Rio de Janeiro, v.6. n.11, p.41-63, 2005. Disponível em <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu\\_n11\\_Rizzini.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu_n11_Rizzini.pdf)>. Acesso em 07 de outubro de 2014.

HERNÁNDEZ, J. C.; ARNÁIZ, M. G. **Alimentación y cultura: perspectivas antropológicas**. Barcelona: Ariel, 2005.

LEMONS, M.C.M.; DALLACOSTA, M.C. **Hábitos alimentares de adolescentes: Conceitos e práticas**. Arq. Ciênc. Saú, de Unipar, Umuarama, v.9, n.1, jan./abr. p.3-9, 2005. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/saude/article/viewFile/212/186>> . Acesso em 09 de setembro de 2014.

MARTINS, R. de C. B. *et al.* **Aceitabilidade da Alimentação Escolar no Ensino Público Fundamental**. Saúde em Revista, Piracicaba, v.6, n.13, p. 71-78, 2004. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/saude13art09.pdf>>. Acesso em 29 de dezembro de 2014.

MENDONÇA, Cristina Pinheiro; ANJOS, Luiz Antônio dos. **Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, Junho de 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 Março de 2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O desafio do conhecimento**. 11ª. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.

MONGE-ROJAS R; GARITA, C; SÁNCHEZ M; MUÑOZ L. **Barriers and motivators for healthful eating as perceived by rural and urban Costa Rican adolescents**. J Nutr Educ Behav, v. 37, p-33-40, 2005. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15745654>. Acesso em 04 de abril de 2014.

PACHECO, S. S. M. **O hábito alimentar enquanto comportamento culturalmente produzido**. In: Escritas e narrativas em alimentação e cultura. Salvador: EDUFBA; 2008.  
RIZZINI, I.; PEREIRA, L.; ZAMORA, M. H.; COELHO, A. F.; WINOGRAD, B.;

RODRIGUES, A. M.; FISBERG, M.; CINTRA, I. P. **Avaliação do estado nutricional, prevalência de sintomas de anorexia nervosa e bulimia nervosa e percepção corporal de modelos adolescentes brasileiras**. Rev. Nutrição Brasil, São Paulo, v. 4, n. 4, p 182 -187, jul./ago. 2005.

ROSSI, Al.; MOREIRA, E. A.M.; RAUEN, M. S. **Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família**. Rev. Nutr., Campinas , v. 21, n. 6, Dec.

2008 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732008000600012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732008000600012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 Mar. 2015.

ROTENBERG, Sheila; DE VARGAS, Sonia. **Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família.** Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Recife , v. 4, n. 1, mar. 2004 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292004000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292004000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 02 fev. 2015.

SANTOS, C.C; RESSEL, L.B; ALVES, C.N; WILHELM, L.A; STUMM, K.E; SILVA, S. C. **A influencia da cultura no comportamento alimentar dos adolescentes: uma revisão integrativa das produções em saúde.** Revista Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v.09, n. 4, Out/Dez, 2012. Disponível em:<[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=343](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=343)>Acesso em 19 de julho de 2014.

SANTOS, C.C; RESSEL, L.B; ALVES, C.N; WILHELM, L.A; STUMM, K.E; SILVA, S.C. **A influencia da cultura no comportamento alimentar dos adolescentes: uma revisão integrativa das produções em saúde.** Revista Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v.09, n. 4, Out/Dez, 2012. Disponível em:<[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=343](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=343)> Acesso em 19 de julho de 2014.

SILVA, A.C.S; SALES, Z.N; MOREIRA, R.M; BOERY, E.N; TEIXEIRA, J.R.B; BOERY, R.N.S. O. **Representações sociais sobre ser saudável de adolescentes escolares.** Revista Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, Jan/Mar, 2014. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=432](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=432)>. Acesso em 31 de outubro de 2014.

SILVA, Julyana Gall da; TEIXEIRA, Maria Luiza de Oliveira; FERREIRA, Márcia de Assunção. **Alimentação e saúde: sentidos atribuídos por adolescentes.** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 16, n. 1, Mar. 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452012000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 Feb. 2015.

SIMON, V. G. N.; SOUZA, J. M. P. de; SOUZA, S. B. de. **Aleitamento materno, alimentação complementar, sobrepeso e obesidade em pré-escolares.** Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 43, n. 1, Feb. 2009 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102009000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02 Feb. 2015.

SOUSA, P. M. O. **Alimentação do Pré-Escolar e as Estratégias de Educação Nutricional.** f.199. Monografia (Especialização em Qualidade dos Alimentos) - Universidade de Brasília,

Programa de Centro de Excelência em Turismo, Brasília-DF, 2006. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/477/1/2006\\_PriscillaMariaOliveiraSousa.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/477/1/2006_PriscillaMariaOliveiraSousa.pdf)>. Acesso em 03 de janeiro de 2014.

TORAL, Natacha; CONTI, Maria Aparecida; SLATER, Betzabeth. **A alimentação saudável na ótica dos adolescentes: percepções e barreiras à sua implementação e características esperadas em materiais educativos.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, Nov. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009001100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 Mar. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health** .2013. Disponível em: <[http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/)>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

ZANCUL, M. de S. **Orientação nutricional e alimentar dentro da escola: Formação de conceitos e mudanças de comportamento.** f.132. Tese (Doutorado Ciências Nutricionais) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara, 2008. Disponível em: <[http://www2.fcfar.unesp.br/Home/Pos-graduacao/AlimentoseNutricao/mariana\\_zancul-completo.pdf](http://www2.fcfar.unesp.br/Home/Pos-graduacao/AlimentoseNutricao/mariana_zancul-completo.pdf)>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2014.

# APÊNDICES

**Apêndice A: Projeto apresentado à banca de qualificação do mestrado**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE NUTRIÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE

**NÁDIJA DESSA SÃO PEDRO**

**SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CORPO E AO COMER EXPERIMENTADOS  
POR ADOLESCENTES COM EXCESSO DE PESO, ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE SALVADOR – BA.**

SALVADOR

2014

## NÁDIJA DESSA SÃO PEDRO

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia como requisito para o exame de qualificação do curso de mestrado.

**Linha de pesquisa:** Alimentação, Nutrição e Cultura

### **Equipe:**

Nádija Dessa São Pedro (nutricionista, aluna do Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde).

Maria do Carmo Soares Freitas (Professora Orientadora).

Maria da Purificação Nazaré Araújo (Professora Coorientadora)

SALVADOR

2014



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>05</b>
<b>2. Objetivos</b>	<b>07</b>
<b>3. Referencial teórico</b>	<b>08</b>
<b>3.1 Obesidade sob a ótica multifatorial</b>	<b>08</b>
<b>3.1.1 Os números da obesidade no mundo contemporâneo</b>	<b>09</b>
<b>3.2 A adolescência e o excesso de peso</b>	<b>10</b>
<b>3.2.1 Adolescência e hábitos alimentares</b>	<b>11</b>
<b>3.3 Um olhar sobre o corpo ontem e hoje</b>	<b>12</b>
<b>3.4 Imagem corporal</b>	<b>15</b>
<b>3.5 O marketing de alimentos</b>	<b>17</b>
<b>3.6 Desafios para o enfrentamento do excesso de peso</b>	<b>19</b>
<b>4.0 Considerações teórico-metodológicas</b>	<b>21</b>
<b>4.1 Desenho do estudo</b>	<b>21</b>
<b>4.2 Local de execução do estudo</b>	<b>22</b>
<b>4.2.1 Breve histórico e contexto atual</b>	<b>22</b>
<b>4.3 Fases da pesquisa</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1 Fase exploratória</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1.1 Fase exploratória – O comer e a comida no IFBA</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1.2 A “Praça Vermelha”</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1.3 A cantina</b>	<b>24</b>
<b>4.3.1.4 Os corredores das salas de aula</b>	<b>25</b>
<b>4.3.1.5 O refeitório</b>	<b>26</b>
<b>4.3.2 A alimentação no entorno escolar</b>	<b>27</b>
<b>4.3.3 fase exploratória - O corpo e o excesso de peso nos estudantes</b>	<b>29</b>
<b>4.4 Trabalho de campo</b>	<b>29</b>
<b>5.0 Cronograma</b>	<b>33</b>
<b>Referências</b>	
<b>Apêndices</b>	

## **Lista de siglas**

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**IMC** – Índice de Massa Corporal.

**OMS** – Organização Mundial de Saúde.

**POF** – Pesquisa de Orçamento Familiar.

**WHO** – World Health Organization.

## RESUMO

Mundialmente verifica-se aumento significativo dos níveis de obesidade que atinge diferentes grupos etários e classes sociais, sendo resultante, entre outros aspectos, de mudanças ocorridas nos padrões de alimentação e na atividade física. A etiologia da obesidade é bastante complexa, apresentando um caráter multifatorial que envolve aspectos históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais. Por conta da sua complexidade de prevenção e tratamento a obesidade hoje é considerada um problema de saúde pública. Os indivíduos com excesso de peso muitas vezes passam por problemas relacionados à aceitação nos grupos aos quais fazem parte, e partindo desta premissa a adolescência, seria um período delicado. Esta etapa que é caracterizada por transformações biológicas, emocionais e sociais, representa, também, alterações na aparência e satisfação corporal. Desta forma, este trabalho objetiva analisar as narrativas de estudantes adolescentes com excesso de peso, considerando como significam o excesso de peso em suas vidas, bem como os itinerários corporais adotados na busca por padrões estéticos valorizados socialmente. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, concebido no campo da sócio antropologia da alimentação e das ciências sociais da saúde, no qual a partir das narrativas dos adolescentes foram analisados e correlacionados fatores de ordem cultural, social e econômicos de escolares com excesso de peso (sobrepeso ou obesidade). O estudo foi dividido em três etapas: fase exploratória; trabalho de campo (entrevistas) e análise dos dados. A fase exploratória contemplou a observação dos espaços de alimentação e convivência (refeitório, cantina, área externa às salas de aula, e o entorno da instituição) o intuito foi de se aproximar com os espaços de alimentação e comensalidade frequentados por estes jovens. Quanto ao trabalho de campo, o número de entrevistadas realizadas foi considerado suficiente quando a intersubjetividade sobre o objeto de estudo. O estudo revelou a dualidade na forma em que se relacionam com os seus corpos bem como múltiplas significações atribuídas ao comer e a comida.

**Palavras chaves:** excesso de peso, percepção corporal, adolescentes, autoimagem corporal, itinerários corporais, saberes e práticas alimentares.

## 1. INTRODUÇÃO

As mudanças no perfil nutricional pelas quais a população contemporânea tem passado despertam preocupação crescente. A Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta que nas últimas décadas os níveis de obesidade têm aumentado de forma significativa, sendo considerado um problema de saúde pública. Muitos fatores favorecem o ganho de peso, com destaque para os aspectos socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais (ABESO, 2001; GIUGLIANO, 2004; ESTEBAN, 2004; BRASIL, 2006b; SANTOS, 2008; FREITAS *et. al.*, 2008; SCHERER & SANTOS, 2011).

A adolescência, período compreendido entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2013) é marcada por transformações biológicas, emocionais e sociais, representando a fase de maior velocidade de crescimento na vida extrauterina o que implica em alterações no tamanho, na aparência e na satisfação corporal (RODRIGUES *et al.*, 2005; DAMASCENO *et al.*, 2006).

Esse grupo etário por se encontrar em uma fase de formação e reformulação de hábitos é um dos principais alvos da indústria de alimentos que utiliza diferentes meios de comunicação para alcançá-los, com destaque cada vez maior para a televisão e a internet, que veiculam paradoxalmente propagandas de alimentos industrializados e hipercalóricos e ao mesmo tempo padrões de beleza com corpos delgados, distantes da realidade obesogênica.

É por meio do corpo que o indivíduo vivencia suas experiências e estando os adolescentes em um momento de descobertas e de necessidade de aceitação e pertencimento dentro dos grupos a que pertence, o corpo passa a ser um elo maior ainda entre estes e a sociedade e se essa relação não estiver bem estabelecida podem ocorrer mudanças comportamentais, nos padrões estéticos idealizados e no próprio convívio social.

Esse projeto, além de fruto de pesquisas bibliográficas, é também produto da minha trajetória profissional como nutricionista em uma instituição de ensino na qual alguns alunos e alunas compartilham suas insatisfações corporais, bem como suas práticas alimentares, muitas vezes justificando seu excesso de peso pelos hábitos adquiridos não somente em ambiente familiar, mas também no ambiente escolar. Assim, as reflexões de como o esses jovens significam os seus corpos, bem como o interesse em compreender os itinerários corporais adotados subsidiaram a sua construção.

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, este trabalho contempla dois artigos. O primeiro, objetiva descrever como adolencentes com sobrepeso e obesidade, expressam os significados atribuídos ao corpo no seu cotidiano. Já o segundo, os significados atribuídos ao

comer e a comida. Portanto, como produto final do Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde, serão apresentados estes dois artigos, que após a análise da banca de defesa, suas sugestões e correções, serão revisados visando à publicação.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

- Analisar as narrativas de adolescentes com excesso de peso buscando compreender como estes significam o excesso de peso em suas vidas.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Interpretar enunciados narrados pelos adolescentes a respeito do corpo, do comer e da comida.
- Analisar se a imagem corporal afeta a vida dos adolescentes com excesso de peso nos seus ambientes de convívio.

### **3. REFERENCIAL TEORICO**

Levando-se em consideração os estudos de Minayo (2004), quanto à consulta constante da bibliografia para permitir traçar uma moldura em torno do objeto de estudo e recorrer a diferentes pontos de vista para desenhar diversos ângulos do problema. Durante todo o estudo foram efetuados levantamentos bibliográficos, utilizando como fontes: artigos científicos, anais de congressos, jornais, revistas, livros, trabalhos científicos publicados, entre outros. Para a obtenção desse fim as buscas foram realizadas em materiais de origem brasileira, e de outros países.

Nos capítulos que se seguem situarei o leitor quanto aos principais fatores que podem se associar com o desenvolvimento do excesso de peso e da obesidade, bem como aspectos relacionados às mudanças nos padrões de beleza nas diferentes épocas, grupos sociais e gêneros, além de dados relacionados à percepção corporal entre os jovens do Brasil e de outros países.

Assim, foram utilizadas as palavras chaves: excesso de peso, percepção corporal, adolescentes, autoimagem corporal, itinerários corporais, saberes e práticas alimentares.

#### **3.1 Obesidades: a ótica multifatorial**

Diversos trabalhos se referem à obesidade como uma doença, um estado patológico, caracterizado pelo acúmulo excessivo de gordura corporal em um nível que pode acarretar em danos à saúde, com destaque para as alterações metabólicas, respiratórias e locomotoras (WHO, 1998; ABRANTES, 2002; CARVALHO & MARTINS, 2004).

Em sendo a obesidade uma doença multifatorial, enuncia-se as dificuldades para seu controle, uma vez que o seu desenvolvimento envolve aspectos históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais (ABESO, 2001; GIUGLIANO, 2004; BRASIL, 2006b; SCHERER e SANTOS, 2011).

Kac (2003) vê o crescimento dos índices de sobrepeso e obesidade como sendo uma resposta ao fenômeno da transição nutricional, que acarretou em alterações na distribuição dos agravos nutricionais, destacando o aumento das doenças associadas à modernidade.

Apresenta papel de destaque no processo de transição nutricional o crescimento da indústria de alimentos, que segundo Mendonça e Anjos (2004) e Giugliano (2004) foi impulsionada pelo processo migratório em busca de colocação profissional e melhores condições de vida,

que ocorreu da zona rural para a zona urbana. Para esses autores, essa nova condição estimulou a expansão do setor de alimentação impulsionando o surgimento de lanchonetes, restaurantes, vendedores ambulantes, entre outros, com ênfase cada vez maior para os estabelecimentos em que o comer se torna rápido e barato.

Muito além de um local em que o comer é prático e muitas vezes barato e rápido, os chamados *fast foods*, representam ainda um local de socialização e de encontro para os jovens. Neste processo não podemos dissociar o papel do capitalismo e da globalização que interferem na cultura alimentar, por meio da importação de práticas alimentares e da forma como as pessoas se relacionam com a comida e o comer, bem como dos valores associados a estes. O símbolo atribuído ao alimento é muitas vezes ressignificado, passando inclusive uma ideia de distinção social e de poder (BITTENCOURT, 2013).

Partindo desta afirmação tem-se um cenário em que o ato de frequentar esses espaços e consumir determinados alimentos, muitas vezes ultrapassa fatores como o ato de nutrir-se ou ainda ter uma predileção por aquele alimento ou preparação podendo representar uma forma de estar incluso e aceito nos grupos com os quais transita (BITTENCOURT, 2013).

O atual cenário alimentar favorece o incremento de calorias, gorduras e açúcares e paralelamente há uma redução no consumo de frutas, vegetais, cereais (MASCARENHAS *et al.*, 2003; MENDONÇA, 2010).

Segundo a *Food and Agriculture Organization* (FAO), essas mudanças já representavam um aumento de aproximadamente 450 kcal no Valor Energético Total (VET) da população mundial entre os anos de 1960 a 1990 (WHO, 2003).

### **3.1.1 Os números da obesidade no mundo contemporâneo**

Devido ao aumento da sua incidência nas últimas décadas, a obesidade tem sido considerada a mais importante desordem nutricional nos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

No Brasil, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF, 2009) aponta que quase metade da população brasileira (49%) está com excesso de peso, sendo que 14,8% está obesa e 2,7% apresenta déficit de peso (BRASIL, 2010).

De acordo com a OMS entre a população infanto-juvenil, 10,0% das crianças e dos adolescentes entre 05 (cinco) e 17 (dezessete) anos apresentam excesso de peso (WHO, 2010).



No Brasil, apesar de inicialmente o excesso de peso ter sido mais evidenciado em estratos sociais mais elevados, bem como nas regiões mais desenvolvidas como o Sul, Sudeste, progressivamente observa-se um aumento desses números nas regiões Norte e Nordeste e nos estratos de renda mais baixos (BATISTA, 2003).

É importante destacar o reflexo da industrialização, que permite que indivíduos mais pobres tenham acesso a produtos de baixo custo e que promovem maior saciedade, devido aos altos teores de gordura e açúcares, como identificado em documentário (MUITO além do peso, 2012), que revelou a rotina alimentar de moradores de áreas remotas da floresta amazônica, os quais por meio de barcos que funcionam como supermercados itinerantes adquirem diariamente produtos como refrigerantes, achocolatados, biscoitos, salgadinhos, dentre outros.

### **3.2 A adolescência e o excesso de peso**

Segundo a OMS a adolescência é o período compreendido entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2013), o qual é marcado por transformações biológicas, emocionais e sociais, representando a fase de maior velocidade de crescimento na vida extrauterina que implica em alterações no tamanho, na aparência e na satisfação corporal (RODRIGUES *et al.*, 2005; DAMASCENO *et al.*, 2006).

Para essa faixa etária a POF, 2009, identificou que o excesso de peso, atingiu 21,5%, oscilando entre 16% e 18% no Norte e no Nordeste, e entre 20% a 27% nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Em ambos os sexos verificou-se maior frequência em áreas urbanas, em particular no Norte e Nordeste (BRASIL, 2010).

Esse processo de transição no perfil nutricional dos jovens brasileiros tem repercutido no surgimento de alterações metabólicas até então encontradas prioritariamente em indivíduos adultos e idosos, como foi verificado em trabalho conduzido por Lavrador e colaboradores (2011) do qual participaram 80 adolescentes e que demonstrou que sedentarismo, HDL reduzido, hipertrigliceridemia, resistência insulínica e hipertensão estão fortemente associadas com a presença de excesso de peso em adolescentes.

Outras pesquisas realizadas com diferentes subgrupos populacionais evidenciaram que, nas últimas décadas, houve um aumento significativo da medida da circunferência abdominal média, do Índice de Massa Corporal (IMC) e da pressão arterial sistêmica na faixa etária juvenil (MUNTNER *et al.*, 2004; MONEGO e JARDIM, 2006).

Quanto aos aspectos comportamentais e de convívio social, Corseuil (2009) afirma que jovens com sobrepeso e obesidade são especialmente vulneráveis à discriminação social, visto que a adiposidade representa forte indicador de insatisfação corporal. Para Santos e Valle (2002) além de suportarem o peso dos seus corpos, os adolescentes carregam ainda o peso da culpa e da responsabilidade pelo seu estado nutricional que muitas vezes lhes é creditado pela sociedade.

O excesso de peso também pode ser significado e vivenciado de formas diferentes de acordo com o gênero dos indivíduos. Para Ålgars (2009) as meninas são mais preocupadas com a gordura e mais propensas a se julgarem obesas do que os meninos e estes, por sua vez, teriam menos interesse em perder peso e mais em adquirir massa muscular como uma forma de exibir sua masculinidade.

### **3.2.1 Adolescência e hábitos alimentares**

Segundo Abbagnano (1999) podemos entender hábito como “ação originalmente espontânea ou livre que depois se fixa com o exercício, de tal forma que pode ser repetida sem a intervenção do raciocínio e da consciência, portanto mecanicamente”.

Sabe-se que as práticas alimentares não respondem apenas à necessidade biológica e nutricional. Comer bem ou mal envolve múltiplos condicionantes como prazer, comensalidade, conveniência, aspectos psicológicos, econômicos, simbólicos, religiosos e culturais (CASCUDO, 2004; GRACIA-ARNAIZ, 2007; NASCIMENTO, 2007).

O momento em que a criança inicia a fase escolar é um marco para o desenvolvimento de seus hábitos alimentares, afinal, nesta fase, o indivíduo que até então era influenciado basicamente pelo ambiente doméstico passa a conviver em outra coletividade. Neste período podem ocorrer mudanças nos hábitos alimentares devido não apenas às influências do grupo de convivência, mas também das práticas educacionais adotadas no ambiente escolar (PACHECO, 2008).

Já na adolescência, as alterações estão intimamente relacionadas à formação de identidade. O cotidiano alimentar nesta faixa etária envolve a alimentação em ambientes escolar, doméstico e o “comer na rua”, que é constituído por uma infinidade de repertórios alimentares. As conexões dessa tríade formam uma teia que se correlaciona com a formação e as reformulações de hábitos alimentares (FREITAS *et al.*, 2008; PACHECO, 2008).

Contreras & Gracia (2011) afirmam que dentro de cada sociedade as práticas alimentares têm suas regras e seus significados, uma vez que as preferências alimentares proporcionam um sentido de pertencimento e de identidade.

Para Góes (2008) o alimento pode apresentar diferentes signos, o autor exemplifica esta afirmação por meio das sociedades norte americana, os povos indianos e de Papua em Nova Guiné. Segundo o autor, para os americanos o alimento tem função de nutrir e servir como uma fonte de prazer sensorial, sendo este povo pouco sensível ao seu significado simbólico e social. Já na Índia Hindu o alimento é visto como uma forma de manutenção das condições sociais, destacando que membros de castas superiores não devem aceitar alimentos preparados por castas inferiores. Em Papua Nova Guiné o alimento apresenta conotação de essência vital e segundo as crenças deste povo uma pessoa pode adquirir propriedades de outra por meio da ingestão de alimentos colhidos ou preparados por este.

Freitas (2002) enfatiza que o contexto social vivenciado pelo individuo produz marcas e atua como limitante ou facilitador de determinadas ações na busca por padrões estéticos almejados. As pessoas de menor poder aquisitivo podem ter maiores dificuldades em fazer alterações dietéticas na alimentação devido às limitações financeiras, bem como ao menor conhecimento de práticas alimentares alternativas e que não envolvam grandes gastos financeiros. Contudo, Freitas (2002) destaca que nem mesmo esse processo de exclusão social consegue afastar as pessoas de baixa renda, principalmente as mulheres, do ideal de corpo magro.

### **3.3 Um olhar sobre o corpo ontem e hoje**

O conceito do belo nunca foi estático. Ao traçar um retrospecto das transformações corporais entre os séculos XVI ao século XX, Vigarello (2006) relaciona-as com os padrões sociais, econômicos e religiosos da época.

O corpo nos séculos XVI e XVII apresentava como foco das atenções as chamadas partes altas (rosto e busto). Essa predileção é explicável até mesmo pelo vestuário da época, que nas mulheres escondia e comprimia, por meio dos espartilhos e estruturas internas, regiões como cintura, quadril e pernas. Assim as mulheres se viam mais preocupadas em manterem seus rostos e os bustos atraentes (VIGARELLO, 2006).

Já para os homens ainda vigorava o perfil corpulento, marcado por ombros voltados para traz e abdômen proeminente, que caracterizava a aristocracia e, portanto, a riqueza e abundância (CASTILHO, 2001; VIGARELLO, 2006).

No século XVIII algumas mudanças já começam a ocorrer nessa predileção corporal como demonstravam algumas obras de arte que traziam pés desnudos e pedaços de pernas à mostra. Este século foi importante ainda por montar as bases para o preestabelecimento dos exercícios físicos tão difundidos na sociedade atual. Nesse período houve um estímulo a prática de caminhadas diárias que, apesar de não serem associadas à perda de peso, eram indicadas para reforçar a postura e a flexibilidade corporal (CASTILHO, 2001; VIGARELLO, 2006).

Contudo, é no século XIX que as chamadas partes baixas adquirem gradativamente maior destaque. Para os homens o visual aristocrático não é mais estimulado e começa a associar-se com desleixo e com o envelhecimento, para as mulheres dois padrões coexistem: um com contornos arqueados e coxas acentuadas que evocavam a sensualidade e outro que surgia como um prelúdio às mudanças que ocorreriam intensamente nos séculos XX e XXI, os corpos mais esguios como sinônimo de beleza e elegância (CASTILHO, 2001; VIGARELLO, 2006).

A chegada do século XX foi marcada pela transição nos contornos arredondados que passaram a ser mais alongados e emagrecidos. O culto ao corpo ganhou dimensão social inédita com destaque ao poder da mídia sobre os indivíduos, por meio de jornais e revistas que mostravam como as estrelas do rádio e do cinema (principalmente americano) ditavam moda, conseqüentemente assistimos à expansão do consumo de produtos de beleza e da indústria da moda (CASTILHO, 2001; VIGARELLO, 2006; NASCIMENTO, 2007).

Um dos aspectos que influenciou mudanças nos padrões corporais no início do século XX, principalmente a partir dos anos 20, foi a prática do banho de mar, não mais como atividade terapêutica indicada por médicos e sim como forma de diversão. Esse acontecimento se desdobrou no desvelamento progressivo do corpo, o que favoreceu a preocupação com partes corporais até então escondidas, a partir de então cuidados corporais até então desconhecidos passam a ser difundidos, a exemplo das técnicas para prevenção e combate da celulite (SANT`ANNA, 1995; VIGARELLO, 2006).

É neste contexto que os concursos de beleza se propagaram mundialmente e as misses se tornam padrões estéticos desejados. Nos Estados Unidos, França e Iugoslávia os padrões corporais das candidatas entre as décadas de 20 a 40 apresentaram uma redução do Índice de Massa Corporal (IMC) de praticamente dois pontos (Vigarello, 2006). Existiram ainda diminuições significativas em outras medidas, com destaque para busto e quadril, como descrito por Esteban (2004) e Santos (2008).

A década de 80 foi marcada pela cultura da construção corporal e da musculação, o chamado *bodybuilding*. Neste período houve propagação de academias e de diferentes modalidades de

atividades físicas, bem como o aparecimento de diversos equipamentos que prometiam perda de peso rápida e delineamento corporal (NASCIMENTO, 2007). Santos (2008) destaca que nessa década houve o crescimento do número de publicações periódicas destinadas ao público masculino que passaram a apresentar enfoque mais similar ao feminino, com discussões a cerca dos cuidados com o corpo.

Para Freitas (2002), Carvalho & Martins (2004), as mudanças nos padrões estéticos têm ocorrido como uma resposta ao processo de mercantilização do corpo. Hoje o corpo obeso é considerado fora dos modelos socialmente vigentes, uma vez que se contrapõe ao modelo de corpo magro e/ou musculoso preconizado, que o transforma em um produto que deve estar adequado às demandas exigidas por padrões multáveis e muitas vezes inalcançáveis.

Bertran (2012) complementa afirmando que o corpo é também um agente social na medida em que expressa e se usa como uma forma de relação social e destaca os paradoxos relacionados aos perfis corporais. Um corpo feminino considerado obeso na sociedade ocidental, por exemplo, pode ser avaliado como adequado e belo para povos de outras culturas, por representar para este grupo uma característica de capacidade reprodutiva, já para outros povos um corpo esguio pode representar virtude, por mostrar o esforço físico e o controle alimentar para mantê-lo.

Esteban (2004) enfatiza a relação contraditória que ocorre na sociedade ocidental, em que há estímulo desenfreado ao consumo de alimentos industrializados e hipercalóricos e ao mesmo tempo é cobrada uma autodisciplina e padrões estéticos rígidos, em que muitas vezes o foco da rotina do indivíduo está centrado na perda ou manutenção do peso bem como na divulgação desses resultados para os grupos aos quais pertence. Esta situação tem sido intensificada por meio da proliferação das redes sociais as quais atingem diretamente o público jovem, que é ávido por consumir novas tecnologias e, portanto, se encontra mais sensível a esses contrapontos.

A cobrança por estar em forma cresce progressivamente. Santos (2008) aborda o medo entre homens e mulheres em ganhar peso especificamente na região abdominal:

*“O abdômen (a popular barriga) que já foi símbolo de status e de poder dos coronéis ostentando ócio e dominação, hoje é completamente rejeitada (...). A imagem da barriga em dobras, com toda a sua flacidez, tornou-se insuportável, algo estranho ao corpo que deve ser eliminado” (Santos, 2008, p. 118).*

Na busca pelo corpo tido como “perfeito” Sibilía (2010) cita um arsenal de práticas que incluem “dietas, musculação, cirurgias, pílulas, massagens, exercícios, cosméticos” e uma infinidade de possibilidades constantemente renovadas pelo “mercado do embelezamento” ou

pela “indústria da insatisfação”, que faz com que os indivíduos sintam-se frustrados por não estarem com os corpos parecidos aos propagados nas revistas, filmes, novelas e assim essa insatisfação gera um ciclo envolvendo o corpo e o comer.

Esse controle excessivo do peso tem estimulado o surgimento de novos termos para designar a importância da aparência na sociedade moderna. Nascimento (2007) destaca a chamada “corpolatria”, que dentre outros aspectos engloba a prática obsessiva de exercícios físicos e dietas. Já a “lipofobia” está relacionada a um medo excessivo de ganhar peso, o que leva algumas pessoas a censurarem fervorosamente a presença de gordura não apenas no próprio corpo como em corpos alheios (NASCIMENTO, 2007; SIBELIA, 2010)

Diante dessa mudança nos padrões estéticos e de práticas de atividade física surgem também vocábulos até pouco tempo desconhecidos, mas que já estão amplamente difundidos em vários seguimentos da população brasileira, com destaque para os termos “sarado, malhado, bombado, turbinado, frango” (VEIGA, 2008; SIBELIA, 2010). Uma pesquisa em sites de busca utilizando como palavras chaves “gírias de academia” permite ampliar esta lista e verificar a influencia da língua inglesa, já que há a incorporação de termos como *fitness*, *shape*, *big*, *hard*, *up*, *fast training* entre outros (MUSCULAÇÃO TOTAL, 2012).

### 3.4 Imagem corporal

Grogan (2006) define imagem corporal como sendo “as percepções, sentimentos e pensamentos que o indivíduo tem em relação a seu corpo, particularmente em relação a sua forma e ao seu tamanho corporal”.

Almeida et. al. (2005) descrevem a imagem corporal como sendo uma “ilustração que se tem acerca do tamanho, imagem ou forma do corpo, como também aos sentimentos relacionados a essas características”.

Featherstone (2010) propõe ampliação deste conceito, indo além da definição da imagem focada no campo visual, chamada por ele de imagem-espelho e que se aproxima de certa forma a uma fotografia mental da própria aparência física. Para Featherstone (2010) a imagem corporal ultrapassa os campos dos sentidos ou até mesmo da imaginação sendo permeada por figurações e representações mentais que são influenciadas pelo mundo exterior e pelos grupos com os quais os indivíduos se relacionam. Correlacionando esta definição com o grupo para o qual este trabalho se destina percebe-se uma maior aproximação com este conceito, uma vez que para estes jovens muitas vezes o olhar do outro é tão importante e direcionador ou até mesmo mais representativo do reflexo no espelho.

Segundo Tavares (2003) e Barros (2005) a formação da imagem corporal envolve aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais que refletem desejos, atitudes e interações que se relacionam continuamente durante as diferentes etapas da vida.

Contudo, as primeiras experiências infantis são fundamentais, já que as crianças também formam imagens do que lhes é apresentado como desapropriado. Mais importante ainda é o fato delas julgarem de que forma sua própria aparência corporal se adequa ao modelo que lhes é transmitido, o que traz consequências aos sentimentos de autovalor (CASTILHO, 2001; TAVARES, 2003).

Pensando nos grupos etários aos quais se destina este trabalho, sabe-se que entre os jovens há uma maior interação, julgamentos e influencia por parte de seus pares podendo haver, portanto, reflexos negativos na percepção da imagem corporal (TAVARES, 2003; BARROS, 2005).

Os efeitos psicológicos negativos tais como baixa autoestima, ansiedade e depressão podem interferir na forma em que o indivíduo se relaciona e se vê bem como com a sua relação com o alimento, podendo favorecer o desenvolvimento de distúrbios alimentares (VALENÇA e GERMANO, 2009).

O entendimento acerca dos fatores que interferem na construção da imagem corporal dos adolescentes merece atenção, já que essa faixa etária sofre grande influência de fatores impostos pela sociedade (VALENÇA & GERMANO, 2009).

O corpo é visto para Esteban (2004) como um lugar de vivência, de desejos, reflexões, resistência, contestação e mudança social, caracterizando-o como o primeiro patrimônio conquistado pelos indivíduos sendo uma fronteira e um fator de individualização.

Porém para Borella *et al.* (2012), nos últimos anos, a valorização excessiva da aparência tem levado muitas pessoas a sacrifícios que podem comprometer a saúde. Scherer (2011) afirma que atualmente a imagem corporal é um meio para estar e sentir-se incluído ou excluído, sendo utilizada, também, para incentivar o consumo de produtos ou ideias. Segundo o autor:

*“A pessoa com obesidade hoje, é excluída, estigmatizada e sofre preconceito por não se encaixar no padrão de beleza e moda instituído pela mídia e reforçado pela sociedade. Ele não consegue usar as roupas da moda, ter o corpo da moda, o corpo que é veiculado pela mídia como bonito, perfeito, saudável e feliz”* (SCHERER, 2011, p. 3).

A cobrança constante por padrões estéticos difíceis de serem alcançados muitas vezes refletem-se em desconfortos e até mesmo transtornos relacionados ao corpo e ao comer, Perez-Gil (2010) em trabalho realizado com mulheres mexicanas da zona rural identificou distorção entre os níveis de Índice de Massa Muscular (IMC) e a imagem percebida, tendo relatos de mulheres que viam a obesidade como um estigma social. Esses resultados nos fazem refletir a respeito do quão disseminado estão os padrões de beleza nos diferentes meios sociais.

Colaborando com essas afirmações Urrejola (2007) e Hautala (2008) identificaram significativa insatisfação corporal entre adolescentes com excesso de peso, bem como, pobre imagem corporal, sensações de inferioridade, rejeição e baixa autoestima.

Ferriani *et al.* (2005), ao analisarem a percepção corporal de adolescentes obesos de ambos os sexos, identificaram receio em ver a própria imagem no espelho, vivência de brincadeiras estigmatizantes e dificuldade em manterem o convívio social.

A preferência por corpos magros também foi demonstrada por Turnbull, Heaskip & Mcleod (2000) que avaliaram as atitudes de crianças na faixa etária de dois a cinco anos frente a figuras de pessoas obesas, os resultados demonstraram indícios de preconceito em relação a essas figuras, que em geral receberam mais avaliações negativas.



### **3.5 O marketing de alimentos e a complexa relação entre o peso corporal e os padrões de beleza vigentes**

Os meios de comunicação podem ser caracterizados como um dos agentes mais importantes envolvidos na construção da identidade dos adolescentes, já que por meio deste são construídos e reconstruídos padrões de comportamento e de consumo (ÂLGARS, 2009).

O papel das grandes mídias por meio do marketing de alimentos pode apresentar ação nociva principalmente entre o público infanto-juvenil. Estratégias utilizadas para atrair tal público, como a venda casada de “combos”, formados geralmente por sanduíche, batata frita e refrigerante, associados geralmente a um brinquedo que, ou não é vendido separadamente ou ainda em caso de venda individual tem preço equivalente à compra com o lanche, objetivam atingir cada vez mais um público mais jovem e com potencial para se tornar um consumidor durante a adolescência e a vida adulta (MUITO além do peso, 2012).

As propagandas voltadas ao público jovem também merecem destaque por contar com cenários, linguagem e apelo sentimental. Em documentário a respeito da alimentação infantil, ao questionar a uma criança sobre o que sente ao tomar refrigerante, esta relatou que “ao abrir a lata de refrigerante abre a felicidade” (utilizando o slogan da Coca-Cola) (MUITO além do peso, 2012). Para Bittencourt (2013) a cultura pós-moderna privilegia o consumo, massificando uma “pseudoverdade” que associa a felicidade ao consumo. Este processo é visto pela autora, como reflexo da mercantilização do corpo que está associada ao incremento do consumo que cria necessidades até então inexistentes ou sem tanta importância.

Morrison e Kalin (2004) propuseram que a mídia publica um corpo masculino musculoso como ideal e que aqueles que se desviam deste ideal por serem muito magros ou muito gordos experimentam avaliação da imagem corporal negativa.

As mudanças no perfil nutricional da população brasileira têm favorecido ainda o crescimento de um novo seguimento televisivo composto por programas voltados à discussão a respeito da alimentação, corpo e dietas. Para Castilho (2001) há na televisão brasileira atual uma frequência crescente de programas com temática voltada a dietas, reeducação alimentar, remédios para emagrecer, uso de anabolizantes, atividade física, cirurgias plásticas, entre outros.

Em contraponto os programas de televisão voltados ao público infanto-juvenil estimulam o consumo de alimentos calóricos e pobres nutricionalmente. Para Castilho (2001) isso ocorre porque é a indústria alimentícia que patrocina esses programas, situação que é definida por Esteban (2004) como um “jogo duplo e contraditório”.

Esse cenário conflitante de intenso estímulo ao consumo de alimentos industrializados e da instauração de até mesmo um clima de medo e angústia quanto aos padrões corporais é destacado também por Nascimento (2007):

*“A quantidade de matérias publicadas em todos os tipos de revistas, jornais, e em programas de TV, pregando os cuidados do corpo, saúde, dietas chamou-me a atenção. Paradoxalmente, o estímulo à gulodice vem sendo tema recorrente na imprensa falada e escrita que constantemente divulga receitas, restaurantes, viagens gastronômicas, e objetos de conforto, estes últimos concorrendo para a vida sedentária”*(Nascimento, 2007, p. 21-22).

### **3.6 Desafios para o enfrentamento do excesso de peso entre adolescentes**

O consumo de alimentos é indispensável para a sobrevivência, mas ao mesmo tempo é um ato social e envolve padrões que variam de acordo com a idade, o sexo, os hábitos culturais e sociais e de pertencimento de um determinado grupo (BERTRAN, 2012).

Contudo a visão mecanicista e que medicaliza o processo de alimentação que rege a sociedade atual se baseia em competências dietéticas e responsabiliza os indivíduos por seu estado de saúde, muitas vezes sem compreender fatores de sua vida cotidiana (FREITAS, 2002; GRACIA-ARNAIZ, 2007).

Para Freitas (2002), apesar dos saberes do campo biomédico sobre o corpo obeso direcionarem para a prevenção dos riscos associados ao surgimento de diversas doenças, é no campo sociocultural que se dá a maior expressão do entendimento popular, havendo uma tendência em enfatizar a representação da perda de peso apenas como um valor estético.

O processo de escolha de tratamento médico bem como todo o itinerário terapêutico perpassa por questões sociais e culturais. Kleinman (1978) destaca que é na arena popular que os indivíduos geralmente se relacionam com a doença em sua fase inicial, interpretando certas práticas como mais ou menos adequadas para determinadas doenças, situação que pode ser inferida quanto às condutas adotadas na busca pela perda de peso.

A maneira de pensar o processo de saúde e doença é vista então como uma construção sociocultural por meio da qual o indivíduo internaliza as noções simbólicas que são expressas através das interações com o grupo ao qual participa, interpretando-as e ressignificando-as de acordo com as suas percepções individuais, influenciadas em parte pelos significados culturais que circulam no grupo, mas também por sua própria subjetividade e experiência particular (KLEINMAN, 1978; MINAYO, 2013).

Segundo Perez-Gil (2010) um enfoque diferente ao preconizado pelas ciências médicas é relevante para entender porque alguns programas de orientação alimentar não alcançam os efeitos esperados, particularmente aqueles que pretendem modificar hábitos considerados de risco.

Santos (2008) aborda que as normas dietéticas muitas vezes estimulam um sentimento de culpabilidade para aqueles que não conseguem cumprir as prescrições destacando o papel do diálogo e da escuta profissional para aprofundar outras questões que fogem da superficialidade e que justificam os padrões alimentares e a relação corporal do indivíduo.

Pensando no universo juvenil, destaca-se o papel dos pais como os primeiros educadores e motivadores (NEUMARK-SZTAINER *et. al.*, 2006).

A compreensão de como esses jovens se relacionam com os seus corpos e com o comer mostra-se essencial para a definição de prioridades e estratégias de ações em saúde pública voltadas às demandas deste grupo etário que quando não amparado de forma coerente pode apresentar-se não apenas em riscos quanto aos aspectos antropométricos e biomédicos associados ao excesso de peso, mas também em situação de insegurança alimentar e psicossocial.

## 4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

### 4.1 Desenho do estudo

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, conduzido pela abordagem qualitativa que objetiva estudar os significados do excesso de peso para adolescentes de uma instituição de ensino federal. Segundo Minayo (2013, p. 57) o método qualitativo “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam”.

O termo “descrever” é utilizado no sentido que ensina Gertz (1978), de uma descrição densa que é interpretativa, pois, além de ser microscópica, ela interpreta o fluxo do discurso social para salvar e transformar tudo o que fora dito em registros pesquisáveis, de modo que ele não se extinga. Em uma pesquisa a descrição densa permite estreitar a relação pesquisador/pesquisado, uma vez que, auxilia na interpretação do que é dito e principalmente do que não é dito, direcionando as abordagens futuras e a leitura da situação.

Para Goldenberg (2002) uma pesquisa científica não deve ser vista como um procedimento previsível, devendo se preocupar com a compreensão de casos particulares e não com a formulação de generalizações, sendo que o resultado da pesquisa não deve ser fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação dos diferentes pontos de vistas entre os envolvidos. Assim, a maior preocupação da pesquisa qualitativa é a compreensão com aprofundamento de um “determinado tema, grupo de pessoas, organização, instituição ou trajetória” (GOLDENBERG, 2002, p.14).

Segundo Minayo (1993) a abordagem qualitativa adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos favorecendo uma aproximação entre sujeito e objeto, já que dialoga com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões.

Neste projeto foram selecionados alunos de ambos os sexos de uma instituição de ensino público federal. Os selecionados além de apresentarem faixa etária de até 19 anos, o que os caracteriza como adolescentes, segundo a definição da OMS, cursavam entre o 1º ao 4º ano dos cursos integrados os quais se destinam a estudantes que concluíram o ensino fundamental (9º ano) e pretendem conciliar ensino médio com formação profissional nas áreas de: Automação industrial; Edificações, Eletrônica; Eletrotécnica; Geologia; Manutenção Mecânica Industrial; Química; Refrigeração.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, conforme recomenda a Resolução nº 466 de 2012 que trata sobre as pesquisas em seres humanos, com parecer de aprovação número 575.000.

A participação no projeto foi voluntária e os alunos que desejavam participar assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para os menores de 18 anos o TCLE foi direcionado aos seus pais ou responsáveis.

## **4.2 Local de execução do estudo**

### **4.2.1 Breve histórico e contexto atual**

O Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) completou cem anos de existência em 2009. A nomenclatura atual, bem como a estrutura administrativa e pedagógica data de 2008 quando por meio de Lei nº 11.892/08 foram criados os Institutos Federais em todo o Brasil (LESSA, 2002; IFBA, 2009a).

Nos seus primeiros anos de existência, há mais de cem anos, a escola tinha como missão promover o acesso à educação profissional à população em maior vulnerabilidade socioeconômica, sendo inclusive conhecido popularmente como a “escola do mingau” por oferecer esta refeição no horário do almoço para os alunos que estudavam em turno integral (LESSA, 2002; IFBA, 2009b).

Conhecida por muitas pessoas até os dias atuais como a Escola Técnica da Bahia, nomenclatura que ficou marcada no imaginário popular, devido ao destaque que a instituição tinha no final da década de setenta e início dos anos oitenta, por conta dos bons índices de empregabilidade dos egressos no setor industrial, principalmente no Pólo Petroquímico da Bahia, que na época apresentava salários atrativos e que não exigiam a formação superior (LESSA, 2002; IFBA, 2009b).

Apesar dos cursos técnicos ainda serem os responsáveis pelo maior número de alunos matriculados, a instituição hoje apresenta também programas de formação de jovens e adultos (em parceria com a prefeitura da cidade de Salvador), ensino superior e atua na pesquisa e extensão (IFBA, 2009b).

Este contexto tão heterogêneo tem estimulado mudanças para favorecer não apenas a entrada, mas principalmente a permanência de alunos com demandas específicas. Em 2010, o IFBA criou a sua Política de Assistência Estudantil que envolve dez programas: Necessidades Educativas Específicas; Programa de Assistência à Saúde; Programa de Acompanhamento

Social; Programa de Acompanhamento Psicológico; Programa de Acompanhamento Pedagógico; Programa de Incentivo à Educação Física e Lazer; Programa de Incentivo à Educação Artística e Cultural; Programa de Incentivo à formação de Cidadania e Programa de Assistência e Apoio aos estudantes (PAAE) (IFBA, 2013).

### **4.3 Fases da pesquisa**

O estudo foi dividido em três etapas: a fase exploratória; o trabalho de campo e o tratamento dos dados.

#### **4.3.1 Fase exploratória**

Minayo (2004) destaca a importância da fase exploratória, afirmando que:

“A fase exploratória compreende a etapa de escolha dos tópicos de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo” (Minayo, 2004, p.89).

Nesta etapa foram realizadas observações dos espaços de alimentação e convivência que são compostos pelo refeitório, cantina, área externa às salas de aula, e o entorno da instituição que inclui lanchonetes, supermercados, restaurantes e vendedores ambulantes.

As minhas impressões frente aos comportamentos, acontecimentos e conversas dos alunos foram registrados em diário de campo. Minayo (2004, p. 100) destaca que “observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimônias, festas, instituições, gestos, expressões, que digam respeito ao tema da pesquisa compõem o quadro das representações sociais”.

##### **4.3.1.1 Fase exploratória – O comer e a comida no IFBA**

###### **4.3.1.2 A “Praça Vermelha”**

Localizada na parte central da escola, esta praça é utilizada pelos alunos para diversos fins com destaque as apresentações de música que geralmente ocorrem por volta das 12h30min às

sextas-feiras, bem como apresentações de dança, teatro, encontros de representação estudantil, bazares, feiras de livros, artesanatos, eventos temáticos entre outros.

Além dessas atividades, diariamente esse é um ponto de encontro entre os alunos que usam o local para estudar, cochilar nos bancos, conversar, namorar e obviamente este é um dos maiores espaços abertos de comensalidade da instituição. Durante a fase exploratória pude acompanhar alguns momentos em que verdadeiros piqueniques foram realizados neste local. O repertório de lanches observados foi bastante variado, porém me chamou a atenção o fato de que em horários de intervalos de aulas geralmente os alunos chegavam com sacolas de supermercado ou lanches comprados fora da instituição.

Biscoitos, salgadinhos (de tamanhos e tipos variados), hambúrgueres, refrigerantes e sucos, foram os mais observados neste período. Notei que os grupos geralmente compram biscoitos e salgadinhos de tipos diferentes e dividem entre si. Essa observação pôde ser comprovada em uma das entrevistas em que o aluno Fred afirma:

*“(...) às vezes eu trago ou compro ou às vezes meus próprios amigos de sala, agente divide os biscoitos e tal (...). Dependendo de quem estiver comigo porque meio que agente divide geralmente, é, na verdade agente compra pra dividir que ai um ajuda o outro e ai vai”. (Thiago, 19 anos).*

Para acompanhar esses lanches muitos compram refrigerantes em embalagens de dois litros e assim como fazem com os biscoitos e salgadinhos dividem entre o grupo, contudo o consumo de sucos é bem presente e para os que lancham individualmente foi mais evidente do que os refrigerantes.

#### **4.3.1.3 A cantina**

A cantina fica localizada em frente à praça e além de servir lanches funciona também como um restaurante servindo almoços em um *buffet* à quilo e também apresenta opções de pratos feitos, conhecidos popularmente como PF. A cantina é administrada por uma empresa que por meio de processo licitatório aluga o espaço por um determinado período de tempo. Além dos alunos, são frequentadores do ambiente os professores e demais servidores da instituição. Como abordei anteriormente, apesar da praticidade e ótima localização (perto da praça de convivência e das salas de aula) boa parte dos lanches não são comprados neste local que comercializa principalmente sanduíches variados, salgados como coxinhas, pasteis de forno,

enrolados de salsicha e de queijo e presunto, doces como brigadeiros e *torteletes*, sucos, refrigerantes, além de chocolates, chicletes e balas variadas.

Os alunos que almoçam neste local são aqueles que não foram contemplados pelo PAAE. O *buffet* apresenta uma moderada variedade de saladas, bem como a oferta diária de arroz integral e leguminosas como grão de bico, ervilha e lentilha, porém as opções cárneas servidas são compostas basicamente por carnes vermelhas e frango em preparações fritas. Há diariamente a oferta de frango grelhado como sendo a opção *light* do cardápio e os peixes são servidos apenas às sextas-feiras fazendo parte do cardápio de “comida baiana”. Em minhas visitas a este espaço pude observar ainda a oferta em todos os momentos de lasanhas, tortas salgadas e diferentes tipos de massas, muito consumidas pelos alunos que frequentam o local. Apesar de ser ofertado diariamente arroz integral e leguminosas pude perceber que estas são pensadas prioritariamente nos funcionários da instituição que almoçam no local, uma vez que dificilmente as observei nos pratos dos alunos.

Como dito há ainda a opção do prato feito que é composto por um tipo de salada crua ou cozida (a escolha do cliente), arroz ou macarrão, feijão, e um tipo de carne (qualquer tipo disponível no *buffet*). O prato apresenta quantidades consideráveis de alimentos e é bastante popular entre os alunos, principalmente do sexo masculino.

#### **4.3.1.4 Os corredores das salas de aula**

Fiz algumas incursões a este local em horários diferenciados, mas me detive no horário de intervalo de aulas que ocorre às 09h40min. Acompanhei a movimentação dos alunos que muitas vezes por não terem alguma aula, preferem ficar conversando nos corredores. Este local é geralmente “vigiado” (termo utilizado pelos alunos) por assistentes de alunos, porém como o número desses profissionais é insuficiente às demandas, estes se revezam nas diversas áreas da instituição. Assim, presenciei momentos em que longe dos olhos desta supervisão alguns alunos gritavam, dançavam e namoravam tranquilamente em frente às salas de aula. Apesar de nos intervalos a maior parte dos alunos não permanecerem neste local, alguns, assim como acontece na praça, compartilhavam lanches como biscoitos, além de ser frequente em diversos momentos e não apenas nos intervalos de aulas o consumo de chocolates e chicletes.



#### 4.3.1.5 O refeitório

Trata-se do maior espaço de alimentação da instituição, que apesar de centenária, somente em 2010 passou a contar com este espaço e com o oferecimento de refeições diárias aos alunos cadastrados no PAAE. Atualmente são servidos em torno de quinhentos e cinquenta (550) almoços direcionados aos alunos considerados de maior vulnerabilidade.

É interessante que um número considerável de alunos não dizem que estão indo para o refeitório, é comum escutar a caminho do local, grupos de alunos dizendo que estão “indo para o PAAE”, lembrando que este é o nome do programa, que além do auxílio alimentação conta com outros tipos de auxílio, porém a própria forma como se referem ao refeitório demonstra que este é o auxílio mais popularizado entre a comunidade.

O refeitório funciona pelo sistema de concessão e a empresa responsável por utilizar o espaço é escolhida por meio de processo licitatório. Conforme consulta ao contrato de prestação de serviços para oferta de refeições, o cardápio diário deve ser composto por um tipo de salada (que deve variar entre preparações cruas e cozidas), arroz e macarrão (o aluno deve escolher um tipo), feijão, dois tipos de carnes (que devem variar entre cortes de origem bovina, aves, suínos e pescados), dois tipos de sucos e uma sobremesa (que pelo menos quatro vezes por semana deverá ser composta por uma fruta). O contrato apresenta ainda informações quanto à limitação da oferta de alimentos fritos (que deverão estar presentes no máximo uma vez por semana).

Durante o almoço, o funcionamento do local inicia às 11 horas e finaliza às 13h30min. Entre os meses de março e abril de 2014 estive presente no refeitório pelo menos duas vezes por semana. Neste período foi observado que há uma maior concentração de alunos por volta das 12h20min, exatamente o momento em que as aulas do período matutino terminam. Neste horário o fluxo se torna muito grande e como o controle de entrada dos alunos não é informatizado se torna lento e barulhento.

Os alunos que chegam ao espaço mais cedo podem escolher o local em que se sentarão e assim o fazem quase sempre em grupos, os demais acabam se distribuindo em mesas diferentes.

Há uma predileção, pelo que pude acompanhar, pelos pratos à base de frango e macarrão, assim como no dia em que foi servida lasanha presenciei todo o alvoroço por conta do prato. Como em alguns momentos me posicionei próxima ao balcão de distribuição alguns alunos que aguardavam na fila chegaram a vir me perguntar se teria lasanha suficiente. Acabei identificando que eles fazem o mesmo com os funcionários que atuam no local e a

justificativa que me foi dada foi que anteriormente, em contrato com outra empresa, quando saia este prato a quantidade não era suficiente para atender a todos, por isso o receio de alguns em não ser contemplado com a preparação.

O prato é porcionado por um funcionário. Notei entre as alunas que algumas chegavam a reclamar que a “mão do tio é muito pesada”, pois apesar de pedirem para colocar uma quantidade menor sempre vinha muita comida no prato.

O consumo de saladas nesta faixa etária muitas vezes é insatisfatório (Lemos & Dallacosta, 2005; Neutzling, 2007; Bigio *et al.* 2011). Neste projeto as análises preliminares demonstraram diferentes graus de consumo. Como há o porcionamento dos pratos, muitas vezes mesmo solicitando para que o funcionário não acrescente a salada, devido ao barulho do local e a necessidade de rapidez ele acaba colocando, assim é comum notar que uma parte da porção ou até mesmo toda ela é jogada no lixo, porém pude observar que a maioria dos alunos a consomem, havendo maior ou menor aceitação a depender do tipo de salada oferecido (como acontece com outras preparações). Segundo a nutricionista responsável pela gestão do serviço, a salada de abobrinha, por exemplo, é a que apresenta maior rejeição. Nas entrevistas transcritas até o momento, os indivíduos demonstraram boa aceitação destes pratos:

*(...) “alface, alface eu gosto mas depende muito do momento, mas eu gosto muito daquelas saladas que eles dão com acho que é mamão ou não lembro (...) é um verdinho, fruta verdinha?”* (Thiago, 19 anos).

*“Verdura, muita verdura e salada que eu amo”.* (Beatriz, 16 anos).

*“Eu gosto de salada (sorri) só que eu não faço”. (...) “Aqui eu como salada porque já é prontinho só é colocar”.* (Joana, 17 anos).

A permanência dos estudantes no refeitório (quando não há filas para o atendimento) geralmente é breve, muitos comem muito rápido, alguns tentam agilizar o processo dizendo para os funcionários que possuem alguma atividade (as aulas do turno vespertino se iniciam às 13h30min), há ainda alguns alunos, principalmente do sexo masculino, que costumam repetir a refeição.

#### **4.3.2 A alimentação no entorno escolar**

A alimentação nas imediações da instituição é bastante requisitada. Existem duas lanchonetes, localizadas uma ao lado da outra, ambas além de oferecerem mais opções de lanches que os

vendidos no interior da escola, apresentam ainda melhores preços o que as tornam mais atrativas para os estudantes.

Juntamente com os sanduíches e salgados são vendidos sucos de frutas variados, em copos de 500 ml que são muito consumidos pelos estudantes. Nestas lanchonetes apesar de venderem também refrigerantes o consumo destes sucos foi bem mais significativo durante as observações.

Uma das lanchonetes oferece um diferencial que é uma opção chamada “sanduíche *light*”, composto por queijo, peito de peru, alface e pão de forma integral. O público prioritário é composto pelos estudantes o que é comprovado facilmente pelo fardamento. Como a procura é muito grande ambas ficam cheias em horários de intervalo e mesmo fora desse horário há boa procura, principalmente no turno matutino. O mesmo proprietário de uma das lanchonetes utiliza um espaço anexo como uma casa de tortas que é frequentada em menor escala pelos alunos da instituição.

O entorno conta ainda com dois restaurantes utilizados pelos alunos não contemplados pelo PAAE, um deles tem perfil de cardápio mais simples que o restaurante que fica dentro da instituição, não existindo a oferta de alimentos integrais nem as leguminosas citadas anteriormente, ele também funciona por *buffet* a quilo, não havendo a opção de pratos feitos.

O outro restaurante existente não é muito frequentado pelos alunos, pois além de possuir um espaço menor, pratica preços mais altos que as demais opções, sendo mais voltados aos trabalhadores da região, porém mesmo em pequena proporção nos dois momentos em que estive presente neste restaurante havia um pequeno grupo de alunos em uma das mesas.

Até recentemente não existiam vendedores ambulantes atuando na área, porém desde o início do mês de abril de 2014 uma senhora começou a vender salgados, refrescos, chicletes e balas em frente à escola. O preço de um salgado com um refresco é mais baixo que os praticados, tanto pelas cantinas como pelas lanchonetes o que atrai um número cada dia maior de alunos.

Há ainda um vendedor de beiju de tapioca que estaciona seu carro na saída lateral da instituição e comercializa seus produtos, contudo a procura é bem menor quando comparada às outras opções.

Um pouco mais distante existe uma casa de cachorros quentes que é bastante frequentada pelos alunos e uma franquia de um restaurante especializado em sanduíches, que muitas vezes é a opção dos estudantes em substituição ao almoço. Em uma das entrevistas uma aluna cita o restaurante:

*“Ontem mesmo eu fui na Subway®, e ai invés de comer um baratíssimo de 15 cm eu comi um de 30 cm, comi, comi, comi que chega não aguentava mais(...)”. (Karine, 15 anos).*

Ainda possuem papel relevante na alimentação dos estudantes os dois supermercados que ficam próximos à escola. Em visitas aos mesmos pude presenciar grupos de alunos comprando refrigerantes, biscoitos e caixas de chocolate. Para aqueles que desejam comprar opções para atender ao grupo essa se torna uma opção interessante, pois o custo fica bem mais barato e ainda permite que os jovens experimentem diferentes tipos de lanches.

### **4.3.3 fase exploratória - O corpo e o excesso de peso nos estudantes**

Ao observar o perfil corporal dos estudantes nas áreas de convivência citadas acima não é difícil encontrarmos alunos com excesso de peso em graus variados. Além disso, os relatos obtidos nas transcrições das entrevistas demonstram que mesmo tão jovens muitos já citam dificuldades em realizar tarefas do dia a dia bem como apresentam dores articulares associando-as ao peso corpóreo. Diante dessas análises preliminares bem como das observações levantadas durante a fase exploratória nota-se que existe uma rede alimentar que favorece o ganho de peso.

A partir de então por meio das análises das entrevistas iremos procurar evidências de como esses jovens entendem, vivenciam e significam esse excesso de peso em suas vidas e que estratégias utilizam em busca de emagrecer para manterem-se conforme os padrões de beleza que concebem como adequados.

## **4.4 Trabalho de campo**

Estudantes de ambos os sexos do ensino integrado (1 ao 4º ano) usuários do refeitório da instituição foram convidados a participar do projeto e aqueles que demonstraram interesse tiveram seus dados telefônicos registrados para posterior contato com o intuito de marcar as primeiras entrevistas. A partir desse contato para as entrevistas, acolheu-se a indicação de outros colegas como uma forma de seleção de outros entrevistados.

Não foram utilizadas medidas antropométricas para identificar o estado nutricional dos indivíduos, sendo consideradas para a seleção as impressões da entrevistadora bem como dos próprios sujeitos que se caracterizam como em sobrepeso/obesidade.

Antes de iniciar as entrevistas em profundidade, de acordo com as observações efetuadas na fase exploratória, bem como das leituras sobre o tema, foi proposto um roteiro de entrevista semiestruturado que foi “testado” com duas adolescentes (uma de 14 anos e outra de 16 anos) que não são estudantes da instituição do estudo. O objetivo dessas entrevistas testes foi analisar a compreensão quanto às perguntas que norteiam a entrevista, a articulação das ideias bem como a facilidade de execução.

A partir dessas entrevistas foi possível identificar alguns pontos que mereciam mudanças para uma maior clareza bem como a inclusão de novas abordagens. Assim o roteiro semiestruturado foi articulado em quatro blocos: Bloco I: perguntas de identificação do sujeito e dos seus familiares; bloco II: questões que visam conhecer melhor o estudante bem como sua rotina escolar; Bloco III: alimentação e a relação com a comida; Bloco IV: O corpo. A montagem do roteiro desta forma objetivou facilitar a condução das questões mais delicadas relacionadas ao comer e ao corpo.

As entrevistas foram iniciadas no mês de maio de 2014 destacando que as mesmas foram agendadas em dias e horários escolhidos pelos estudantes. Antes de iniciar as gravações todos os trâmites de explicação do projeto, bem como do TCLE e da gravação das falas foram explicados. As entrevistas foram realizadas em sala privativa e os nomes dos entrevistados foram alterados para que não houvesse identificação dos mesmos. Para Gaskell (2007) a entrevista na pesquisa qualitativa auxilia na compreensão dos “mundos da vida” fornecendo descrições detalhadas de um meio social.

Apesar de existir um roteiro preestabelecido (apêndice A), durante a entrevista o entrevistador deve estar atento e livre para novas inferências de acordo com as respostas dos entrevistados, assim por mais que exista um eixo norteador e central como é chamado por Bauer e Gaskell (2007) outras questões que podem nem ter sido pensadas inicialmente poderão surgir e inclusive serem acrescentadas as entrevistas subsequentes. Este fato foi vivenciado neste projeto, uma vez que de acordo com os discursos e com o menor ou maior grau de facilidade para obter as informações o norte das respostas tem direcionado para o crescimento ou reformulação de questionamentos.

Essas entrevistas iniciais que tiveram por finalidade apresentar o projeto aos entrevistados bem como estabelecer o primeiro contato e foram finalizadas no mês de junho de 2014. É importante salientar que fatores como: greve dos professores e servidores da rede federal de ensino e início da Copa do Mundo, fatos que repercutiram em mudanças no calendário escolar, e dificultaram a realização das entrevistas, havendo em vários momentos a

necessidade de remarcações das entrevistas. Para determinar o final desta etapa, bem como o número de entrevistados, utilizou-se o critério da similaridade das narrativas.

Cada encontro neste primeiro momento apresentou tempo médio de 45 minutos, sendo totalizados sete participantes. Após a execução de cada entrevista, além dos registros das impressões em diário de campo, foram realizadas as transcrições das falas. Estas foram reproduzidas integralmente e além das falas foram anotadas as impressões gestuais e corporais essenciais para o enriquecimento e compreensão das narrativas.

Transcritas as falas, foram efetuadas repetidas leituras com o intuito de identificar palavras e expressões chaves e realizar a categorização. Além disso, esta etapa de pré-análise foi importante para identificar pontos que precisavam ser aprofundados e/ ou introduzidos nos momentos subsequentes.

Assim, foi proposto um novo encontro com os participantes. Neste momento foi apresentada uma única questão norteadora: Como eles refletiram as questões abordadas na primeira entrevista. A partir deste questionamento e de acordo com a resposta obtida foram introduzidas novas questões no que tange a relação com corpo, alimentação e corporalidade destes jovens. O intuito desta entrevista aberta, sem uma estruturação de perguntas, foi deixar os entrevistados mais livres para falarem, assim, coube a entrevistadora a condução de questionamento quando necessário.

Por se tratar de um público jovem em alguns momentos notou-se que alguns questionamentos não obtinham respostas ou ainda obtinham respostas diretas e sem aprofundamento. Por conta disso, adotou-se após essa segunda entrevista, o uso de um texto dissertativo livre para que os indivíduos respondessem ao questionamento: Como se sentem com o seu corpo no seu dia a dia.

Para esse fim foram entregues duas folhas em branco contendo apenas a pergunta citada acima. Os entrevistados levaram essas folhas para casa e foram marcados dias para a entrega do material. Apesar das dificuldades encontradas tanto na marcação das entrevistas como na entrega das redações tendo como motivos principais, rotina de aulas, esquecimento dos dias agendados, ausências sem justificativas, perda do material entregue (com reposição) todos os setes participantes participaram de todas as etapas.

No final de outubro de 2014, o trabalho de campo foi finalizado sendo realizados os procedimentos de categorização e tendo início ao processo de análise das narrativas e escritas dos artigos.

## 5.0 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES –2013/2015

ATIVIDADE	M ar ç o	A b r i l	M a i o	J u n h o	J u l h o	A g o s t o	S e t e m b r o	O u t o b r o	N o v e m b r o	D e z e m b r o	Ja n e i r o	F e v e r e i r o	M a r ç o	A b r i l	M a i o	J u n h o	Ju l h o	A g o s t o	S e t e m b r o	O u t o b r o	N o v e m b r o	D e z e m b r o	J a n e i r o	F e v e r e i r o	
Levantamento bibliográfico												x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x			
Reuniões com orientadora		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x
Submissão do Projeto ao Comitê de Ética												x													
Fase exploratória													x	x											
Qualificação																	x								
Trabalho de campo (após aprovação no CEP)															x	x	x	x							
Análise das narrativas																x	x	x	x						
Defesa da dissertação																									x

- Sujeito a alterações

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ABRANTES, Marcelo M.; LAMOUNIER, Joel A.; COLOSIMO, Enrico A.. **Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 78, n. 4, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v78n4/v78n4a14.pdf>>. Acesso em 24 de junho de 2013.

ÂLGARS, M., et al. **The adult body: how age, gender, and body mass index are related to body image**. *Jornal Aging Health*, v.21, n.8, 2009.

ALMEIDA, G.A.N., et al. **Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório**. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n.1, p.27-35, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). **Documento do Consenso Latino- Americano em Obesidade**. São Paulo: 2001. Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/pdf/consenso.pdf>>. Acesso em 24 de junho de 2013.

BARROS, Daniela Dias. **Imagem corporal: a descoberta de si mesmo**. *Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, Aug. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 de julho de 2013.

BATISTA F., M.; RISSIN, A. **A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000700019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000700019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 04 de setembro de 2013.

BAUER, M., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERTRAN, V, Mirian. **Cultura alimentaria y obesidad**. In: *La obesidade perspectivas para su comprensión y tratamiento*. Editora medica Panamericana. 2012. Disponível em: <[http://correo.xoc.uam.mx/oam/biblioteca/miriam/cult\\_alim\\_obes.pdf](http://correo.xoc.uam.mx/oam/biblioteca/miriam/cult_alim_obes.pdf)>. Acesso em 29 de outubro de 2013.

BIGIO, Roberta Scheinetal. **Determinantes do consumo de frutas e hortaliças em adolescentes por regressão quantílica**. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 3, jun.



2011 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102011000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 de julho de 2014.

BOURDIEU, P. **La Distinción. Criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1988.

BORELLA, D. R., et al. **Imagem corporal em escolares do ensino médio com sobrepeso e obesidade**. Revista Géfyra, São Miguel do Iguaçu, v. 1, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <[http://www.faesi.com.br/arquivos/Gefyra/V1N1/GEFYRA\\_N1\\_V1\\_A02.pdf](http://www.faesi.com.br/arquivos/Gefyra/V1N1/GEFYRA_N1_V1_A02.pdf)>. Acesso em 21 de agosto de 2013.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003. **Antropometria e estado nutricional de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: 2006(a).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Obesidade**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006(b).

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009. **Antropometria e estado nutricional de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: 2010.

CARVALHO, Maria Cláudia; MARTINS, André. **A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, Dec. 2004 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232004000400021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

CASCUDO. L. C. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CASTILHO, S.M. **A imagem corporal**. 1.ed. Santo André, SP: Editora ESETec Editores Associados, 2001, 100 páginas.

CORSEUIL, M.W., et al. **Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.20, n.1, p. 25-31, 1 trimestre 2009.

DAMASCENO, V.O., et al. **Imagem corporal e corpo ideal**. Revista Brasileira Ciência e Movimento, Juiz de Fora, v.14, n.2, p. 81-94, 2006. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/691/696>>. Acesso em 13 de setembro de 2013.

DIEZ GARCIA, Rosa Wanda. **Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana.** *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 16, n. 4, Dec. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732003000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732003000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

ESTEBAN, M.L. **Antropologia delcuerpo. Gênero, itinerários corporales, identidade y cambio.** Bellaterra, Barcelona, 2004.

FERRIANI, Maria das Graças C., et al. **Autoimagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso.** *Revista Brasileira Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 5, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

FREITAS, M. do C. S. e colaboradores. **Percepção dos obesos sobre o discurso do nutricionista estudo de caso.** In: *Escritas e narrativas em alimentação e cultura.* Salvador: EDUFBA; 2008.

FREITAS, M. do C.S. **Mulher Light: Corpo, Dieta, Repressão.** In: FERREIRA, S. L. & NASCIMENTO, E. R. *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea,* Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

GEERTZ, Clifford James. **A Interpretação da Cultura.** In: *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura.* Rio de Janeiro: Zahar Editoriais, 1978, p. 13-41.

GIUGLIANO, Rodolfo; CARNEIRO, Elizabeth C. **Fatores associados à obesidade em escolares.** *Jornal Pediátrico*, Rio de Janeiro, v.80, n.1, fev. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 de novembro de 2013.

GÓES, J. A. W. **Hábitos alimentares globalização o diversidade?.** In: *Escritas e narrativas em alimentação e cultura.* Salvador: EDUFBA; 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record. 2002.

GROGAN, S. **Body image and health: contemporary perspectives.** *Journal of Health Psychology*, v.11, n.4, p.523-530, 2006.

IFBA. **O Instituto**. 2009(a). Disponível em: <<http://ifba.edu.br/institucional/o-instituto.html>> Acesso em 20 de junho de 2014.

IFBA. **O Instituto**. 2009(b). Disponível em: <<http://ifba.edu.br/institucional/historico.html>> Acesso em 20 de junho de 2014.

IFBA. **CARTILHA INFORMATIVA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL**. 2013. Disponível em: <<http://www.portal.ifba.edu.br/portal-do-servidor/campus-salvador-divulga-cartilha-da-assistencia-estudantil.html>> Acesso em 24 de junho de 2014.

KAC, G.; VELÁSQUEZ-MELÉNDEZ, G. **A transição nutricional e a epidemiologia da obesidade na América Latina**. CadSaudePublica 2003; 19(1):4-5.

KLEINMAN, A. **Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems**. Social Science and Medicine. v. 12, p. 85-93, 1978.

LAVRADOR, Maria Silvia Ferrari et al. **Riscos cardiovasculares em adolescentes com diferentes graus de obesidade**. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, São Paulo, v. 96, n. 3, Mar. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2011000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2011000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 Nov. 2013.

LEMOS, M.C.M.; DALLACOSTA, M.C. **Hábitos alimentares de adolescentes: Conceitos e práticas**. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama, 9(1), jan./abr. p.3-9, 2005. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/saude/article/viewFile/212/186> acesso em 06 de julho de 2014.

LESSA, José Silva. CEFET.BA – **Uma resenha histórica: da escola do mingau ao complexo integrado de educação tecnológica**. Salvador: CCS/CEFET-BA., 2002.

GRACIA-ARNAIZ, Mabel. **Comer bien, comer mal: la medicalización del comportamiento alimentario**. Salud pública Méx, Cuernavaca, v. 49, n. 3, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0036-36342007000300009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342007000300009&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

MASCARENHAS, L. P. G. et al. **A relação entre as horas assistidas de TV e o IMC em escolares do sexo masculino e feminino, de 7 e 8 anos, da rede pública e particular de ensino de Curitiba/PR**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Goiânia, n. supl., 2003.

MENDONÇA, Cristina Pinheiro; ANJOS, Luiz Antônio dos. **Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do**

**sobrepeso/obesidade no Brasil.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, Junho de 2004. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 junho 2013.

MENDONÇA, Maria Roseane Tenorioetal . **Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes da cidade de Maceió.** Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 56, n. 2, 2010 . Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302010000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302010000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 de julho de2013.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?**Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 9, n. 3, set. 1993 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 24 de novembro de 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O desafio do conhecimento.** 11ª. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.

MONEGO, Estelamaris T.; JARDIM, Paulo César Brandão Veiga. **Determinantes de risco para doenças cardiovasculares em escolares.** Arq. Bras. Cardiol., São Paulo, v. 87, n. 1, julho de 2006 . Disponível em  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2006001400006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2006001400006&lng=pt&nrm=iso)>. Acessoem 05 de julho de 2013.

MORRISON, T.G, KALIN, R., MORRISON, M.A. **Body-Image Evaluation and Body-Image Investment Among Adolescents: a Test of Sociocultural and Social Comparison Theories.** Adolescence, vol.39. p. 573-591, 2004.

MUITO além do Peso. Produção de Juliana Borges. São Paulo, 2012. Disponível em:  
<<http://www.muitoalemdopeso.com.br/download/>>. Acesso em 04 de janeiro de 2014.

MUNTNER, P. H. J., et al. **Trends in blood pressure among children and adolescents.**JAMA, v. 291, n.17, 2004.

MUSCULAÇÃO TOTAL. **Gírias de academia.** Disponível em:  
<<http://www.musculacaototal.com.br/forum/viewtopic.php?f=12&t=8874&mobile=on>>  
Acesso em 01 de fevereiro de 2014.

NASCIMENTO A.B. **Comida prazeres, gozos e transgressões.** Salvador: EdUF-BA; 2ª edição. 2007.

NEUMARK-SZTAINER D, WALL M, GUO J, STORY M, HAINES J, EISENBERG M. **Obesity, disordered eating, and eating disorders in a longitudinal study of adolescents: how do dieters fare 5 years later?** *J Am Diet Assoc.* 2006 Apr;106(4):559-68.

NEUTZLING, Marilda Borges *et al*. **Frequência de consumo de dietas ricas em gordura e pobres em fibra entre adolescentes.** *Rev. Saúde Pública, São Paulo*, v. 41, n. 3, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102007000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 jul. 2014.

PACHECO, S. S. M. **O hábito alimentar enquanto comportamento culturalmente produzido.** In: *Escritas e narrativas em alimentação e cultura.* Salvador: EDUFBA; 2008.

PEREZ-GIL R., Sara Elena; ROMERO J, Gabriela. **Imagen corporal en mujeres de tres zonas rurales de México: percepción y deseo.** *Salud pública Méx, Cuernavaca*, v. 52, n. 2, abr. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0036-36342010000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342010000200002&lng=es&nrm=iso)>. acessado em 16 nov. 2013.

RODRIGUES, A. M.; FISBERG, M.; CINTRA, I. P. **Avaliação do estado nutricional, prevalência de sintomas de anorexia nervosa e bulimia nervosa e percepção corporal de modelos adolescentes brasileiras.** *Nutrição Brasil, São Paulo*, v. 4, n. 4, p 182 -187, jul./ago. 2005.

SANT'ANNA, Denise. (Org.). **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, L.A.S. **O corpo, o comer e a comida, um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M.G.C; VALLE, E.R.M. **O sentido de existir de adolescentes que se percebem obesas.** *Revista Ciência Cuidado e Saúde.* 2002;1(1):101-4. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5661>> Acesso em 23 de julho de 2014.

SCHERER, P.S.; SANTOS, A.M. **A Contribuição das Políticas Públicas no Enfrentamento a Obesidade .** Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luiz - Maranhão. 2011. Disponível em:<[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QUESTAO\\_AGRICOLA\\_E\\_AGRARIA\\_SEGURANCA\\_E\\_POLITICAS/A\\_CONTRIBUICAO\\_DAS\\_POLITICAS\\_PUBLICAS\\_NO\\_ENFRENTAMENTO\\_A\\_OBESIDADE\\_NO\\_BRASIL.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTAO_AGRICOLA_E_AGRARIA_SEGURANCA_E_POLITICAS/A_CONTRIBUICAO_DAS_POLITICAS_PUBLICAS_NO_ENFRENTAMENTO_A_OBESIDADE_NO_BRASIL.pdf)> Acesso em 09 de julho de 2013.

SIBILIA, Paula. **Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma.** In: FREIRE FILHO, João (Org). **Ser Feliz Hoje:** reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010a, pp. 195-212.

SILVA, Giselia Alves Pontes da; BALABAN, Geni; MOTTA, Maria Eugênia F. de A.. **Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas.** Rev. Bras. Saúde Materno Infantil, Recife, v. 5, n. 1, Mar. 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

TAVARES, M.C.G.C. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento.** 1.ed. Editora Manole, 2003.

The WHOQOL Group 1995. **The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL):** position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine* 10:1403-1409.

TURNBULL, J.D.; HEASLIP, S; MCLEOD, H. A. **Pre-school children's attitude to fat normal male and female stimulus figures.** Int. J. Obesity, v.4, n.2, p.1705-1706, 2000.

URREJOLA, N, PASCUALA. **¿Porqué la obesidad es una enfermedad?.** Rev. chil.pediatr., Santiago, v. 78, n. 4, agosto 2007 . Disponível em <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-41062007000400012&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062007000400012&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

VALENÇA, C. N; GERMANO, R.M.; **Percepção da autoimagem e satisfação corporal em adolescentes: perspectiva do cuidado integral na enfermagem.** Rev. Rene. Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 173-180, out./dez.2009. Disponível em: <[http://www.revistarene.ufc.br/vol10n4\\_html\\_site/a20v10n4.htm](http://www.revistarene.ufc.br/vol10n4_html_site/a20v10n4.htm)>. Acesso em 21 de agosto de 2013.

VEIGA, N. **O que é ser frango.** Disponível em [http://www.treinohardcore.com/ser\\_frango.htm](http://www.treinohardcore.com/ser_frango.htm). Acesso em: 06 de abril de 2014.

VIGARELLO, G. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health.** 2013. Disponível em: <[http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/)>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Fight childhood obesity to help prevent diabetes.** 2010. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2004/pr81/en/index.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Diet, nutrition and prevention of chronic diseases.** Geneva: W.H.O, 2003. 149 p. disponível em: <[http://www.who.int/nutrition/publications/obesity/WHO\\_TRS\\_916/en/](http://www.who.int/nutrition/publications/obesity/WHO_TRS_916/en/)>. Acesso em 30 de março de 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity: Preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation on Obesity.** Geneva: WHO; 1998. Disponível em: <[http://libdoc.who.int/trs/WHO\\_TRS\\_894.pdf](http://libdoc.who.int/trs/WHO_TRS_894.pdf)>. Acesso em 24 de junho de 2013.

## APÊNDICE “B”



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE NUTRIÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

Data:    /    /

BLOCO I – Primeiro contato - Dados de identificação

- Apresentação do propósito da entrevista, do termo de consentimento e acordos (tempo, uso de gravador e a utilização de material produzido);

Nome:

Idade:

Escolaridade: (série)

Naturalidade:

Endereço:

E-mail:

Telefone:

Entrevistadora: Nádia Dessa São Pedro

Orientadora: Maria do Carmo

Coorientadora: Maria da Purificação Nazaré Araújo.



**BLOCO II –**

- Com quem você convive?
- Seus pais ou responsáveis trabalham? Qual a profissão deles?
- Relate um pouco do seu dia a dia (o que você geralmente faz diariamente)?

**BLOCO III – O comer**

- Alimentação na infância (casa e escola);
- Alimentação atual (casa, escola, o comer na rua);
- Relação com o alimento;
- Alimentação saudável

**BLOCO IV – o corpo**

- Infância;
- Atualmente; (referir peso e altura);
- Relação com o peso (“eu”);
- Relação com o peso (as outras pessoas);
- Saúde

## APÊNDICE “C”

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, fui convidado a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “**Significados atribuídos ao corpo e ao comer experimentados por adolescentes com excesso de peso, estudantes do ensino médio de uma escola pública na cidade de Salvador –BA**”, realizada pelo Programa de Pós Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Universidade Federal da Bahia.

Fui informado (a) de que a pesquisa tem por objetivo descrever as estratégias utilizadas por adolescentes para alcançar o suposto corpo desejado. Também fui orientado (a) que todas as informações e opiniões por mim emitidas poderão ser gravadas e posteriormente transcritas e guardadas em sigilo e utilizadas apenas para os fins do estudo, e que eu não serei identificado (a).

Após os esclarecimentos, a equipe de pesquisa deste projeto deixou claro que minha participação é voluntária e que não haverá benefícios financeiros e que eu poderei suspender a minha contribuição a qualquer momento, sem que isso signifique qualquer prejuízo para mim. Fui informado (a) que em caso de dúvida, ou questionamento sobre qualquer procedimento da pesquisa poderei entrar em contato com as seguintes pesquisadoras e/ ou instituição:

Pesquisadora responsável: Nádiya Dessa São Pedro. Contato: (71)8793-8355/ (71)9269-7946 - e-mail: [nadija\\_costa@yahoo.com.br](mailto:nadija_costa@yahoo.com.br).

Pesquisadora Coorientadora: Maria da Purificação Nazaré Araújo. Contato: (71)8878-5719 - e-mail: [puriaraujo@yahoo.com.br](mailto:puriaraujo@yahoo.com.br).

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia – Rua Araújo Pinho, 32, Canela, 40.110-150, Salvador-Bahia, telefone: 3283-7704, e-mail: [cepnut@ufba.br](mailto:cepnut@ufba.br).

Salvador- Ba, \_\_\_\_\_ de 2014

---

Assinatura do aluno

---

Assinatura do responsável (para alunos menores de 18 anos)